

A vertical bar on the left side of the page, composed of seven horizontal stripes of equal width, representing the colors of the rainbow: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

# **CASA DE ACOLHIMENTO LGBT+**



Universidade Federal de Santa Catarina  
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

**CADERNO DA DISCIPLINA  
INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Professor Orientador Rodrigo Gonçalves  
Graduanda Marianna Spindola Godoy

Agosto de 2017

# **CASA DE ACOLHIMENTO LGBT+**

# ÍNDICE

## PARTE 1 | pesquisa

**06**

*introdução*

**08**

*glossário*

**10**

*gênero e sociedade*

**12**

*população lgbt*

**14**

*dados e estatísticas*

**16**

*transexualidade*

**18**

*segregação espacial*

**20**

*questões de saúde*

**22**

*legislação*

**24**

*contexto florianopolitano*

**30**

*exemplos projetuais*

## PARTE 2 | proposta

**38**

*introdução*

**40**

*estruturação*

**42**

*local e entorno*

**50**

*normas*

**52**

*diretrizes e conceito*

## PARTE 3 | projeto

**56**

*implantação*

**58**

*volumetria*

**60**

*tectônica*

**62**

*plantas*

**74**

*cortes*

**78**

*imagens*

**86**

*notas*

**88**

*referências*



A vertical bar on the left side of the page, composed of seven horizontal stripes of equal width, colored from top to bottom: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

# PARTE 1

## pesquisa

# INTRODUÇÃO



Quando me deparei com a escolha de tema do tcc, sabia previamente que queria trabalhar com gênero., porém não sabia ao certo se na área de arquitetura ou urbanismo, nem em qual cidade, bairro ou rua. Isso, para mim, era o de menos. O tema gênero sempre me instigou muito, mesmo quando eu não entendia o conceito. Quando pequena, não compreendia o porquê de ser excluída de algumas brincadeiras por ser menina. Ou então, por que a meu irmão era permitido fazer algo e a mim não. Não vou me estender sobre minhas primeiras indagações acerca da temática. O ponto é que somos tolhidos, repreendidos, incentivados, adaptados, moldados de acordo com o sexo com o qual nascemos.

Enquanto seres vivos, somos donos de nossos corpos e é através deles que experienciamos tempo e espaço; experienciamos a vida. Estes corpos do qual falo não são genéricos: são dotados de cor, cheiro, textura, cultura e discurso. Dentro de sua cultura, também possuem gênero. Gênero, na décima terceira possível definição do dicionário, quer dizer *“Conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos”*. É sobre esta definição que irei trabalhar.

Uma dos aspectos mais interessantes sobre estudar este tópico é a constante sensação de estar também se estudando, de estar estudando pessoas. Este é um tema que instiga muita autorreflexão. Quanto do que somos foi construído por imposições e expectativas exteriores? E se quisermos mudar? O que acontece com quem pisa fora do quadrado? Bem, são muitos quadrados e são muitos pés. Conforme fui adentrando aos estudos de gênero e do feminismo, entendi que as vivências são um grande material de estudo. Para acessá-las, basta ouvir os outros, basta procurar compreendê-los.

Foi assim que inicialmente tive contato com os relatos das pessoas que eram vítimas de preconceitos estruturais. No começo principalmente machismo, mas com o passar do tempo as vivências atravessaram-se, envolvendo racismo, homofobia, conflito de classes, etc. Afinal, a vida não possui setorizações, mas sim é feita de um emaranhado de fios que estão constantemente conectados.

Estes relatos me levaram a conhecer e me interessar em especial à vivência das pessoas transexuais, tão distinta da minha, que é marcada por possuir todos os privilégios de uma mulher cisgênera branca de classe média. Dentro da população LGBT, os trans são o grupo que mais sofre com vulnerabilidade social, violência e incompreensão, como os estudos realizados apontarão. Ao longo das próximas páginas tentarei descrever e contextualizar a situação brasileira e florianopolitana dessas pessoas, às quais nossa sociedade nega condições de vida e de tratamento humanas.

A Casa de Acolhimento surge aqui como a possibilidade de dar estrutura básica para estas pessoas terem uma vida plena, saudável, integrada e até mesmo criarem laços afetivos que fortaleçam seu movimento de resistência. Além disso, acredito que este trabalho acrescenta em muito aos debates relacionados à Arquitetura e Urbanismo. Dentro da minha trajetória nesta graduação, ouvi apenas uma vez, e muito superficialmente, sobre gênero. Apesar de nosso campo de estudo ter uma relação muito próxima com os corpos humanos, jamais os contextualizamos. Nossas calungas são figuras humanoides genéricas, sem história, sem emoções, rasamente resumidas à categoria “humana”, sem explorar todas as complexidades que isso implica.

Enfim, para mim este não é apenas mais um trabalho que fui obrigada a fazer, para provar algo à alguns poucos professores dentro desse curso. Este projeto representa todo meu desenvolvimento profissional e pessoal, esferas que não vejo como opostas ou dissociadas. Ele representa meu espírito crítico e minha vontade de mudança. Realizar este trabalho de conclusão de curso não foi simplesmente fazer mais um trabalho acadêmico, foi também estudar a mim mesma e aos outros.

# GLOSSÁRIO

Pensando que os estudos de gênero são uma discussão relativamente recente, é importante esclarecer alguns conceitos e termos que podem gerar confusão. Para isso, desenvolvi um glossário baseado no do livro *O que é Transexualidade*, de Berenice Bento. Adicionei e/ou aprofundi alguns conceitos que achei necessário.



**Identidade de gênero** refere-se ao gênero com o qual a pessoa se identifica dentro das normas sociais estabelecidas para estes: homem, mulher ou nenhum.

**Sexualidade ou Orientação Sexual** refere-se ao dado sexual que se define pelas práticas erótico-sexuais nas quais as pessoas se envolvem. Ou seja, heterossexual, homossexual, bissexual, assexual e toda a infinita gama de opções que existe entre estes.

**Sexo biológico** são as características biológicas de homens e mulheres, de seus aparelhos reprodutores, masculinos e femininos e refere-se aos caracteres sexuais secundários proveniente da ação dos hormônios no corpo.

**Papel de gênero** é o conjunto de comportamentos socialmente atribuídos às genitálias. Por exemplo, delicado e sentimental ao feminino, bruto e racional ao masculino.

**Cisgênero** refere-se uma pessoa que se identifica com o gênero relacionado à sua genitália.

**Transgênero** refere-se pessoa que não se identifica com o gênero relacionado à sua genitália e reivindica social e legalmente a transição.

**Mulheres/Homens Transexuais** refere-se a toda pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal para o gênero feminino/masculino, respectivamente.

Durante muito tempo o critério hegemônico para definir se uma pessoa era transexual esteve condicionado ao seu desejo em realizar as cirurgia de transgenitalização, pois considerava-se que todo/a “transexual de verdade” a tinha como objetivo. A importância da cirurgia começou a ser relativizada por ativistas transexuais. (BENTO, 2008)

**Transexualidade** se caracteriza pelos conflitos potenciais com as normas de gênero à medida que as pessoas que a vivem reivindicam o reconhecimento social e legal do gênero diferente ao informado pelo sexo, independente da realização de cirurgia de transgenitalização.

O saber médico considera esta experiência como uma doença, daí utilizarem outros termos para se referir à transexualidade, como por exemplo: disforia de gênero, neurodiscordância de gênero, síndrome de transtorno de gênero, e o mais conhecido: “transexualismo”. O sufixo “ismo” é denotativo de condutas sexuais perversas, como, por exemplo, “homossexualismo”. (BENTO, 2008)

**Cirurgia de transgenitalização** é uma das (possíveis) etapas do processo transexualizador. Também conhecido com mudança de sexo, redesignação sexual (SRS), readequação sexual, cirurgia corretiva.

**Heteronormatividade** compreende-se “a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos. É um lugar que designa a base de inteligibilidade cultural através do qual se naturaliza corpos/gênero/desejos e definirá o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero, no qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve haver um sexo estável expresso mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminino expressa mulher).” (BENTO, 2008, p 51)

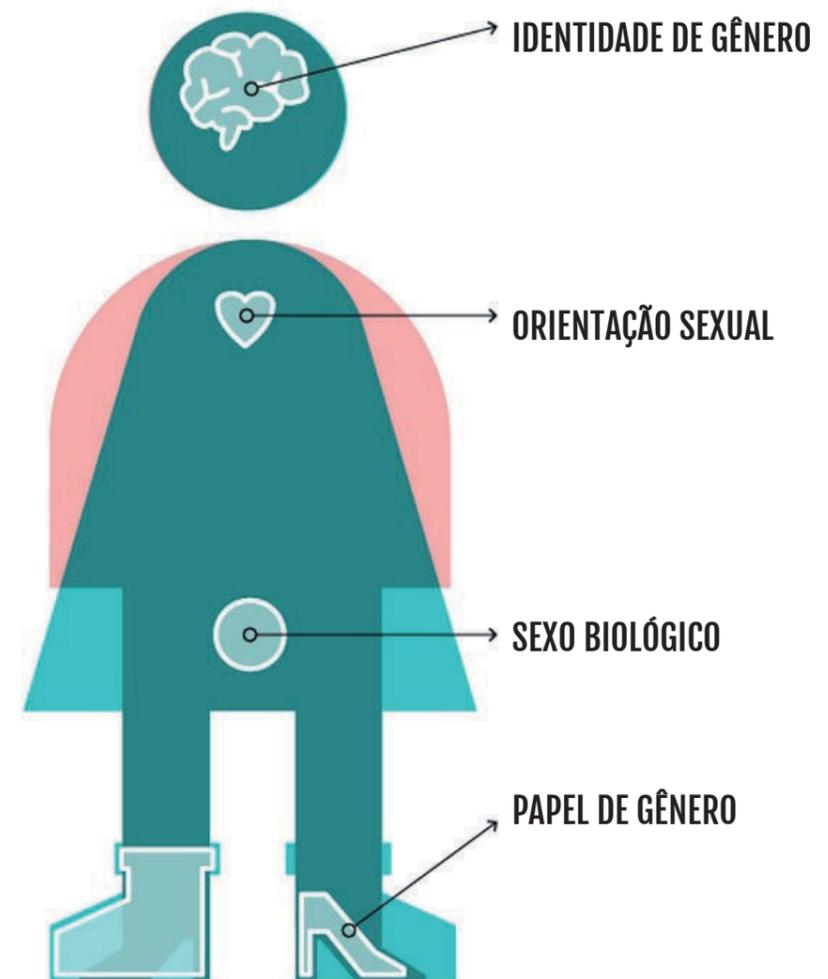


Imagem 1. Esquema explicativo sobre gênero. Fonte: Nexo Jornal

# GÊNERO E SOCIEDADE



Gênero pode deter diversas abordagens e significados. Dentro deste trabalho podemos defini-lo como uma construção sociocultural que atribui a homens e mulheres papéis diferentes dentro de uma sociedade. Assim sendo, depende muito da organização social, do lugar, do povo e do contexto histórico. Também refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres que decorrem das construções sociais a partir das diferenças sexuais.

A construção de gênero também é um sistema de representações, ou seja, é utilizada para dar significado, identidade, posição de poder ou status dentro de uma hierarquia. Quando alguém se denomina ou é denominado como homem ou como mulher, uma série de características já são previamente compreendidas ou esperadas. Qualquer aspecto que fuja deste acordo social, gera caos, medo, incompreensão.

Nossa cultura estabelece papéis bastante específicos para homens e mulheres. Criando-se expectativas sociais antes mesmo do nascimento. Há uma ânsia em determinar o sexo do bebê, e a partir de então já são determinadas roupas, acessórios, cor de quarto, brinquedos, atividades que ele realizará, etc. Somos treinados desde pequenos a sermos como somos, tolhidos

ou privados de descobrir o mundo e a si mesmo de maneira independente.

Assim, nota-se que certas condutas são socialmente construídas e não determinadas pelo sexo biológico de cada um. Estas suposições e expectativas referentes a gênero geram hierarquias e exclusões. A partir de um padrão, criam expressões que são tidas como falsas e outras como verdadeiras, como se necessariamente corpo refletisse sexo e gênero só tivesse sentido dentro desta relação. Se saímos destes "roteiros", existem punições. Qualquer performance diferente é identificada como psicótica, anormal, estranha, etc. Frases do tipo "menino não chora", "isso é coisa de menina", "não sente como um rapaz", entre outras, servem como mecanismos de funcionamento desta ordem pré-estabelecida.

A filósofa Judith Butler escreveu em seu livro *Gender and Trouble: feminism and the subversion of identity* sobre o que chamamos de teoria queer. Nele, ela explica os limites teóricos do construtivismo baseado no binarismo de gênero. Para Butler, gênero é "uma sofisticada tecnologia social heteronormativa, operacionalizada pelas instituições médicas, linguísticas, domésticas e escolares, e que produzem constantemente

*corpos-homens e corpos-mulheres.*" (BENTO, 2008)

Estas atribuições sociais de gênero acabam por impactar a relação público-privado. A parte privada, cotidiana e interior é outorgada à mulher, a "dona-do-lar". O homem configura-se figura pública e ativa da sociedade, e é no espaço público onde se faz e se vive a política. Muxí analisa ainda:

*"O exterior e o público são principais e importantes, e, portanto, só podem ser formulados a partir de teorias neutras, racionais e abstratas, e não a partir da experiência pessoal. Essa valorização discriminadora encontra sua formalização na ordem doméstica e na urbana, duas figuras complementares e inseparáveis. (...) A cada papel corresponde um espaço: a casa e a cidade. Nessa organização excludente, o sujeito público é o homem, o sujeito do discurso da história que converte o parcial em universal."* (MUXÍ, 2014)

No século passado, mais especificamente nas décadas de 1960 e 1970, iniciou-se nos Estados Unidos o que mais tarde foi chamado de movimento feminista. Este teve papel crucial no empoderamento das mulheres e na luta pela

igualdade de gênero. Desenvolveu-se também os estudos feministas, do qual em seguida surgiram os estudos de gênero. Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Judith Butler, Jacques Lacan, entre outros, são pensadores que contribuíram para a área.

E seu artigo denominado *A Cidade Próxima*, Zaida Muxí afirma que as cidades, em geral são planejadas para um homem de média idade, em plenas condições físicas, com trabalho estável, bem remunerado, que lhe permita ter carro privado, e finalmente com uma esposa em casa que lhe propicie tudo preparado. Vide a quantidade de investimentos que existe nos transportes privados em detrimento aos públicos. Os usuários dos transportes privados são majoritariamente homens e essa frota corresponde apenas a uma parcela da população.

Quando o uso de transporte se faz necessário, seja este transporte público ou privado, também se distingue a população. Jovens, idosos, pobres, deficientes acabam sendo marginalizados quando são incapazes de se mover independentemente em áreas extensas. A carência de transporte público no Brasil apenas agrava essa situação. *"Assim, fica claro pra quem a cidade e o território são projetados"*, frisa Muxí.

Para a autora, o desafio atual dentro do planejamento urbano é criar espaços mais justos, sem preterimento por algum gênero ou hierarquias, um espaço horizontal, que valorize a experiência de cada um. É necessário então ressignificar a construção das cidades a partir das experiências de todos os diversos grupos sociais. O pensamento uniformizador moderno que dominou o século passado deveria ser recusado, tomando-se partido da pós-modernidade e assumindo essas diferenças.

Afinal, muitas teorias modernas sobre moral e justiça negam as diferenças na estrutura social, ou seja, trabalham com a imparcialidade. Sugerem que todas as situações morais devem ser tratadas pelas mesmas regras. Conceito de igualdade este que em termos práticos acaba contribuindo e reforçando opressões. É clássico no exercício arquitetônico "tentar projetar para todo mundo" e, ao final, projetar para ninguém. Ou pior: ao tornar o usuário genérico, projetar para uma parcela bastante específica e privilegiada. Não há neutralidade projetual, e quando nisto tentamos nos ater, acabamos apenas reiterando o que já é vigente.

**"O corpo é o suporte de todas as mensagens gestuais que articulam essa conformidade: é um quadro-negro onde se escrevem – e portanto se fazem legíveis – o respeito aos códigos ou ao contrário o desvio com relação ao sistema dos comportamentos"**

**(CERTAU, 1996, p 48)**

# POPULAÇÃO LGBT



Preconceitos e violências estruturais marcam o cotidiano da população LGBT. Em muitas cidades ao redor do globo, vivem em situação de marginalidade e invisibilidade. Possuem seus direitos tolhidos, sendo por vezes excluídos da vida pública se optam por expor sua sexualidade e afetividade. São constantemente colocados à margem de uma sociedade por pressões sociais, ou então criam espaços específicos para convivência, gerando microcosmos dentro da urbe.

Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis podem entrar num processo de segregação socioespacial. Simplificadamente, isto pode se dar de duas maneiras: através da expulsão da população LGBT ou pelo abandono por parte da sociedade 'formal' destes espaços. Comumente estes locais estão associados no imaginário da sociedade às atividades ilícitas, como violência, tráfico de drogas e prostituição.

Como elemento estruturador do espaço urbano, a especulação imobiliária age sobre estes locais. Os preços de terrenos e imóveis são desvalorizados, perdendo o interesse do mercado. Com o tempo, não recebem mais investimentos em infraestrutura e segurança, o que torna o problema um círculo vicioso. Assim, a população instalada

fica fragilizada, sem usufruir dos mesmos direitos de habitantes da cidade formal. Este processo pode ser observado em vários centros históricos de cidades brasileiras.

À exemplo, temos a líder no quadro de violência, São Paulo. As áreas antes marginalizadas hoje encontram-se num viés de reintegração ao panorama urbano desejável. Na década de 1970, a área central da cidade passou por intenso processo de desvalorização resultante do processo de reestruturação da malha viária imposto pelo governo militar. Os vários viadutos e vias de tráfego intenso trouxeram degradação, seguido pelo desinteresse da área pelas classes média e alta. Isso abriu espaço para ocupação por classes mais baixas, migrantes, trabalhadores informais e profissionais do sexo. O período também coincide com o florescimento da “vida gay” na cidade. Os primeiros comércios voltados ao público surgiram na área, onde era mais “fácil” driblar a discriminação e repressão.

Em resumo, o sistema capitalista soube tirar proveito - como sempre - da “guetização” do LGBT. Desse modo, desenvolveu um mercado especializado em lucrar sobre a cultura oprimida, criando espaços onde a expressão de gênero e sexualidade são permitidos. Enquanto isso,

no exterior, a cidade não oferece espaços de sociabilidade aos cidadãos LGBT. Em São Paulo, como em Florianópolis, é na região central que se encontra o circuito comercial LGBT: bares, boates, cinemas e saunas. Em exceção, a capital catarinense também oferece opções dentro de seu lazer natural, com praias conhecidas como locais de frequência LGBT.

Com o processo de revitalização do centro da cidade de São Paulo, iniciado na década passada, também caminha junto a iniciativa de “higienização e moralização”. Esta possui objetivo de elevar a região e estimular o interesse da especulação imobiliária, preparando o espaço para investimentos privados. A “limpeza” inclui a retirada da população LGBT e seus espaços de convivência, ainda vistos como “decadentes” e poucos atrativos para a cidade revitalizada. O mesmo processo também vem acontecendo, mesmo que timidamente, em Florianópolis. A cobertura do Rio da Bulha e mais algumas reformas no centro histórico tem caminhado neste sentido. O trecho do livro de Michel de Certeau *A Invenção do Cotidiano II* citado à direita pode nos ajudar a compreender este movimento.

Com a Lei do PSIU, as autoridades realizam batidas nestes locais e, encontrando irregularidades,

fecham os estabelecimentos, expulsando a população para longe ou até mesmo para lugar nenhum. Associações de moradores locais também acham na lei respaldo para a realização de campanhas civis contra a presença da população LGBT nas vizinhanças. Os grupos de renda mais baixa são forçados a migrar para periferias, em busca de aluguéis mais baratos. Isso significa, muitas vezes, o afastamento do local de trabalho e mais gastos com o transporte público.

Em 2013, após o infeliz acidente da boate Kiss, todas as principais cidades do país tiveram uma onda de fiscalização das boates em relação às normas de segurança dos bombeiros. Em Florianópolis, diversas casas noturnas foram notificadas sobre os ajustes que deveriam fazer, mas apenas algumas foram de fato cobradas. Coincidentemente eram as boates de menor renda, localizadas no centro, as quais o público lgbt frequentava. Nos anos que se sucederam, outras tentativas de fechar as casa noturnas foram realizadas, sob o pretexto de que causavam tumulto nos arredores. No mínimo, nega-se a importância que estes locais possuem para trazer animosidade aos centros urbanos abandonados, em especial no período noturno.

“Ela [a conveniência] se encontra no lugar da lei (...). Ela reprime o que “não convém”, “o que não se faz”; ela mantém à distância, filtrando-os ou banindo-os, os sinais de comportamentos ilegíveis (...). Isto quer dizer que a conveniência mantém relações muito estreitas com os processos de educação implícitos a todo grupo social: ela se encarrega de promulgar as “regras” do uso social, enquanto o social é o espaço do outro, e o ponto médio da posição da pessoa enquanto ser público. A conveniência é o gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua.”

(CERTEAU, 1996, p 49)

# DADOS E ESTATÍSTICAS

No contexto nacional, crimes de ódio à população lgbt são bastante frequentes, mesmo com os esforços recentes para debater temas como gênero e sexualidade na sociedade.

*"Segundo o banco de dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), atualizados diariamente no site QUEM A HOMOTRANSFOBIA MATOU HOJE, 318 LGBT foram assassinados no Brasil em 2015: um crime de ódio a cada 27 horas: 52% gays, 37% travestis, 16% lésbicas, 10% bissexuais. A homofobia mata inclusive pessoas não LGBT: 7% de heterossexuais confundidos com gays e 1% de amantes de travestis."* Site Grupo Gay da Bahia<sup>1</sup>

Ao que parece, os resultados do processo de conscientização vão contra os esforços de movimentos, associações e até mesmo do legislativo. **O Brasil é o campeão mundial em homicídios de LGBTs.** De cada cinco gays ou transgêneros mortos no mundo, quatro são no país. Nessa soma, apenas

um quarto dos acusados são identificados nas investigações e desse mesmo um quarto, apenas 10% chegam a originar algum processo contra os assassinos. Friso aqui processo, não condenação. Ou seja, apenas uma micro parcela dos responsáveis por estes crimes chegam a de fato receber alguma resposta judicial. O quadro que está estabelecido é de impunidade social e institucional.

*"Proporcionalmente, as travestis e transexuais são as mais vitimizadas: o risco de uma "trans" ser assassinada é 14 vezes maior que um gay, e se compararmos com os Estados Unidos, as 119 travestis brasileiras assassinadas em 2015 em comparação com as 21 trans americanas, têm 9 vezes mais chance de morte violenta do que as trans norte-americanas. Segundo agências internacionais, mais da metade dos homicídios contra transexuais do mundo, ocorrem no Brasil." Site Grupo Gay da Bahia.*

As estatísticas raciais deste tipo de violência expõem outros prováveis preconceitos de nossa população. Dos LGBTs assassinados, 55% eram brancos e 45% negros. Já as travestis e transexuais eram 57% brancas e 43% pardas ou negras. Considerando que mais da metade da população brasileira é negra, que a maior parte destas travestis e transexuais acabam trabalhando com prostituição e que são mortas pelos seus clientes, estes dados trazem à tona a possível preferência dos clientes/assassinos às brancas. Ou então ocorre transfobia ou homofobia durante o processo investigativo, que ignora estes fatores.

Em relação à maneira que estas pessoas morrem, as armas brancas aparecem como causa majoritária, com 37% do total, seguidas das armas de fogo com 32%, nisto incluso espancamento, pauladas, apedrejamento e envenenamento. Sobre o local de execução, 56% das travestis e transexuais são mortas em espaço público, normalmente através de armas de fogo. Já gays e lésbicas morrem mais dentro de casa (36%), com armas brancas, ou então em estabelecimentos públicos (8%). A seguir trago uma tabela do Jornal Nexo, que utilizou outras fontes (Transgender Europe<sup>2</sup>), porém possui dados mais específicos sobre a causa da morte.

Causa da morte de pessoas trans no mundo



Fonte: Informe anual sobre a morte de transexuais, da Transgender Europe

NEXO

Imagem 2. Tabela Causa da Morte. Fonte: Nexo Jornal

Novamente, as análises do cientista social Michel de Certeau podem ser relacionadas à alta taxa de travestis e transexuais mortas em vias públicas. Enquanto um gay ou uma lésbica não necessariamente manifesta através de seus corpos signos sobre sua sexualidade, pessoas trans e travestis têm sua transição entre os gêneros estabelecidos mais facilmente percebida.

Os crimes cometidos em vias públicas dificultam muito a identificação dos autores. Problema agravado por ocorrerem em sua maioria durante o período noturno. Além disso, existe resistência por parte das testemunhas em depor nesses casos, também por preconceito. O mesmo ocorre com os profissionais como policiais, delegados, etc, que supostamente deveriam proteger essa população, mas acabam reproduzindo institucionalmente as fobias ao negarem reconhecimento aos crimes. Finalmente, a impunidade apenas estimula que novos crimes ocorram.

Também trago algumas descrições dos crimes ocorridos, para que estes números, apesar de grandes somas, consigam materializar-se no nosso imaginário como rostos e pessoas:

*"Típicos crimes de ódio, muitos com tortura prévia, uso de múltiplos instrumentos, excessivo número de golpes: o bacharel Helmiton Figueiredo, 30 anos, de Cabo de Santo Agostinho, PE, foi morto com 60 facadas; Inácio José da Silva, 30 anos, de Santa Cruz do Capibaribe, levou 13 tiros. (...) Bruno C. Xavier, foi esquartejado e cimentado em seu apartamento em Diadema, SP; Pablo Garcez, pedreiro de 35 anos, de Manaus, teve seu tronco e braços decepados; Cícero Miguel dos*

*Santos, 41, Sertãozinho, PB, teve seu corpo todo perfurado e marcado a faca com um X nas costas; a travesti Laura Vermont, 18, foi perseguida por um automóvel pelas ruas de SP, e cruelmente espancada, com omissão de policiais da Zona Leste, tudo gravado em vídeo; Andréia Pereira, 40 anos, lésbica, cozinheira no Guarujá, SP, foi espancada até a morte por três homens." Site Grupo Gay da Bahia.*

Eduardo Michels, coordenador do banco de dados desta pesquisa que utilizo como fonte, chama atenção para a questão da subnotificação destes crimes. De acordo com o profissional, os dados apresentados representam na verdade apenas uma pequena porção do que realmente acontece., pois este banco de dados é feito a partir de notícias da internet e de jornal e também pelo repasse de informações ser bastante baixo. O profissional ressalta também sobre a incompetência de alguns órgãos, como a Secretaria Nacional de Direitos Humanos e o Disque Direitos Humanos (Disque 100), em não documentar a violência aqui descrita. Logo, conclui-se que o quadro real é bastante pior do que estes números demonstram.

Reflico então sobre as discussões (ou a falta delas) acerca das questões de gênero nas mídias e através de pessoas públicas. Por exemplo, o

Deputado Jair Bolsonaro, das quais as frases mais famosas são "prefiro filho morto em acidente do que homossexual"<sup>3</sup>, "ter filho gay é falta de porrada"<sup>4</sup> e "não estupro você porque não merece"<sup>5</sup> (para outra deputada). Silas Malafaia e com ele a bancada BBB (Boi, Bíblia e Bala), ou seja, bancadas religiosas, que incentivam o porte de armas e defendem chefes do agronegócio. Três grandes geradores de capital que possuem influência sobre políticos de altos cargos do país. De sua perspectiva, não há interesse em realizar debates que contestem estruturas consolidadas de poder.

O movimento Escola Sem Partido<sup>6</sup> é uma resposta a estas discussões. Seu intuito é de desestruturar a educação e criar uma população dócil, não questionadora. Quando colocou-se em debate o papel da escola nas questões de gênero, tantos políticos e religiosos exigiram a retirada do mesmo. Com esse panorama, não surpreende que a recente lei de "feminicídio" preconceitualmente excluiu as mulheres transexuais de sua abrangência. Uma vez constatada a negligência e preconceito com o qual LGBTs se deparam, foquei meus estudos na parcela mais vulnerável desta população, os transexuais.

**"A atitude do transeunte deve transmitir o mínimo de informação possível, manifestar o mínimo possível de desvio em relação aos estereótipos (...). E, ao contrário, deve afirmar a maior participação na uniformização dos comportamentos. A taxa da conveniência é proporcional à indiferenciação na manifestação corporal das atitudes."**

**(CERTEAU, 1996, p 50)**

# TRANSEXUALIDADE



Nossa sociedade acredita que a humanidade se divide em corpos masculinos e corpos femininos, vistos como opostos naturalmente atraídos um pelo outro. Contudo, esta visão binária e heteronormativa nem sempre prevaleceu. Até meados do século XVII na Europa, acreditava-se que existia apenas um corpo e pelo menos dois gêneros. Porém, não havia a necessidade de relacionar o gênero à um corpo específico. A teoria do isomorfismo sexual lia a mulher como, na verdade, um homem defeituoso, possuidor de um pênis invertido (vagina). Consequentemente não havia surpresas quando repentinamente uma menina transformava-se num menino.

Foi em meados do século XIX, mais especificamente entre os anos 1860 e 1870, que houve uma multiplicação de discursos médicos que buscavam comprovar uma origem biológica dos comportamentos sexuais. Assim, os trânsitos entre os gêneros são acabados, criando-se delimitações bastante rígidas de cada um. Nasce certa obsessão por um “sexo verdadeiro” e a gana por corrigir “disfarces” da natureza. “Os corpos iriam justificar as desigualdades e as diferenças hierarquizadas entre o masculino e o feminino”. (BENTO, 2008, p 28)

Estas delimitações foram então usadas para alimentar um sistema de dominação entre masculino e feminino. Através deste discurso essencializante, coloca-se no homem e na mulher uma substância primordial, em seu âmago, algo naturalmente impossível de ser alcançado pelo outro. Quando reconhecemos que gênero não é historicamente fixo, ou seja, cada cultura, cada tempo e cada local podem abordá-lo de maneira distinta, é absurdo conceber e aceitar a maneira como atualmente são tratadas pessoas LGBT.

O Brasil é o país que mais mata transexuais do mundo. Sendo assim, a expectativa média de vida desta população é de 35 anos. Entre as principais causas de morte estão assassinato e suicídio. Por isso e mais alguns outros fatores, transexuais e travestis são considerados o mais vulnerável subgrupo dentro dos LGBT.

*“As narrativas das pessoas transexuais nos remetem para um mundo de dúvidas, angústias, solidão e um medo constante de serem rejeitados.” (BENTO, 2008, p 23)*

De acordo com uma pesquisa realizada pela Rede Trans (Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil) 82% das transexuais e travestis abandonam o

ensino médio entre os 14 e os 18 anos de idade no país. Estes dados nos mostram a grande evasão de locais que deveriam, ao contrário, acolhê-los e proporcionar debates e questionamentos acerca das questões de gênero.

Roberta Fernandes, psicóloga e militante transexual, em entrevista<sup>7</sup> ao Nexo Jornal relatou que *“pessoas trans são constantemente tratadas pelos professores, por colegas e pela diretoria pelo nome oposto ao gênero com o qual se identificam. Isso, somado ao bullying e, com frequência, à falta de suporte familiar, contribui para que abandonem as salas de aula”*.

Dessa maneira, o ambiente que deveria estimular inclusão e desenvolvimento de cidadãos torna-se mais um reprodutor e catalisador de preconceitos. A escola funciona como uma instituição guardiã das normas de gênero, incapaz de integrar em seu programa a pluralidade e diversidade. “Isso é coisa de bicha”, “seja homem”, “coisa de menininha”, etc tornam-se paradigmas não questionados, que funcionam como ferramentas discursivas produtoras de heteronormatividade, reproduzidas em diversos espaços. Quando a própria instituição não reproduz esse discurso, também o reitera ao não se posicionar sobre, sendo conivente com uma série de violências físicas e psicológicas.

*“Para os casos em que as crianças são levadas a deixar a escola por não suportarem o ambiente hostil é limitador falarmos em “evasão”. (...) Na verdade, há um desejo de eliminar e excluir aqueles que contaminam o espaço escolar. Há um processo de expulsão e não de evasão.”* (BENTO, 2008, p 166)

De acordo com as pesquisas realizadas nas Paradas do Orgulho Gay (Carrara & Ramos, 2005), 26,8% de 629 entrevistados relatam marginalização por parte dos professores ou colegas na escola ou faculdade. O percentual aumenta conforme diminui a faixa etária, sendo que 40,4% dos adolescentes (15 a 18 anos) foram vítimas de marginalização ou discriminação. Entre 19 e 21 anos, 31,3% disseram passar por casos similares no ambiente acadêmico.

Em Fortaleza, uma pesquisa apontou que 30,5% dos meninos e 18,1% das meninas acreditavam que homossexualidade era uma doença. No Rio de Janeiro, este percentual fica em 23,2% e 7,6% para meninos e meninas, respectivamente. Em Goiânia, 22,4% e 13,9% (Castrol et al, 2004). Essa pesquisa também elencou uma série de violências e perguntou às crianças qual entre elas era a mais

violenta. A tabela 01 traz os percentuais.

|                       | MASCULINO (%) | FEMININO (%) |
|-----------------------|---------------|--------------|
| Atirar em Alguém      | 82,6          | 86,3         |
| Estuprar              | 68,5          | 84           |
| Bater em homossexuais | 36,1          | 47,8         |
| Usar drogas           | 48,1          | 46           |
| Roubar                | 45,3          | 44,6         |
| Andar armado          | 44            | 42,1         |

**Tabela 1.** Porcentagem de respostas das crianças entrevistadas sobre qual atitude considerava como mais violenta. Fonte: Bento, 2008.

Entre os dois gêneros, atirar em alguém é considerada a ação mais violenta, porém bater em homossexuais é vista pelos meninos a menos violenta. Entre as meninas, a terceira. Interessante também é analisar o gap entre os percentuais da categoria estupro, considerando-se a criação social distinta dos gêneros. Bento chama este quadro de heteroterrorismo e explica como a patologização das identidades autoriza e outorga àqueles que estão no centro, dentro das normas, o poder de realizar uma “assepsia” social.

**“A transexualidade não é uma experiência a-histórica, ao contrário, revela com toda dor e dramaticidade os limites de uma ordem de gênero que se fundamenta na diferença sexual”.**

**(BENTO, 2008, p 23)**

# SEGREGAÇÃO ESPACIAL



Os mecanismos descritos no capítulo anterior escolhem a quem será distribuído humanidade, isto é, quem terá direito a ter direitos. Nenhum professor, nos casos relatados, desenvolveu debates no ambiente de estudo sobre respeito e diversidade. *“O fato do aluno interromper os estudos parece algo inevitável, natural”* (BENTO, 2008, p 171). Como se não coubesse à instituição levar em conta estas problemáticas ou as razões dessa evasão/exclusão.

Somadas as expulsões de escola, casa e mercado de trabalho, a população transgênera e travesti é empurrada para trabalhos informais com pouquíssimos direitos e reconhecimento como a prostituição. De acordo com os dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (Antra), 90% das travestis e transexuais se sustentam através da prostituição<sup>8</sup>.

Ao mesmo tempo que está classificado como país que mais mata transexuais no mundo, o Brasil também é o que mais consome pornografia e prostituição transexual<sup>9</sup>. Temos 89% mais interesse nesse recorte do que o restante do mundo. Uma das explicações para este quadro reside na potencialidade dos sites de pornografia enquanto fonte de informação para agressores, através dos quais podem entrar em contato com

aquilo que não aceitam. Outras possibilidades consideram desejo reprimido e certa curiosidade pelo que é considerado bizarro ou anormal.

Anteriormente já descrevi a problemática acerca do recolhimento de dados sobre a violência da população lgbt. No entanto, a questão é mais grave no caso da população transgênera pelo preconceito estrutural que não permite sua inclusão nos censos. Junto a isso temos dados heterogêneos de políticas de segurança, já que são de responsabilidade estadual e não federal<sup>10</sup>. Em suma, fica a critério de cada estado se homofobia ou transfobia existirão enquanto classificação de violência nos boletins de ocorrência.

Outro fator que influencia o baixo índice de notificações são as ameaças que travestis e trans sofrem ao tentar denunciar. Portanto é comum recorrerem a meios não oficiais, como por exemplo ao presidente da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), Cris Stefanny, que recebe inúmeras denúncias via mídias sociais, inclusive assassinatos. Para finalizar o quadro de desconhecimento sobre a magnitude da situação, algumas pessoas trans nem ao menos tem acesso à informação e meios de comunicação, em especial os digitais.

Sabendo-se disso, é de suma importância trazer o assunto aos debates acadêmicos de uma graduação pública. Esforço mínimo para que saíamos de nossa bolha conformada com informações e dados da mídia hegemônica, propagadora também dessa lógica excludente.

Além da violência física, os transexuais e travestis são alvos constantes de violência psicológica. Espaços que limitam ou criam condições desiguais de entrada baseados na aparência física constituídas dentro dos estereótipos de gênero, como banheiros, restaurantes (através de diferenciação de preços) ou estabelecimentos noturnos e agora o vagão rosa dos metrô, sempre foram uma das partes mais difíceis da integração da população trans. Ao entrar no vagão feminino para fugir da hostilização do vagão misto, uma mulher trans ou travesti poderá ser expulsa e constrangida pelas mulheres cisgêneras.

Por outro lado, assim como outras pessoas do gênero feminino, entrar no vagão misto implicará na naturalização da violência que venha a sofrer e culpabilização da vítima, afinal, “existe um vagão designado para que isso não ocorra”. A proposta da separação também não inclui homens trans, que também estão sujeitos a abusos, mas podem ser intimidados e constrangidos se utilizarem o

vagão feminino (ARRAES, 2014).

Estas condições de segregação espacial através de gênero nos fazem questionar: como determinar quem é mulher e quem é homem? Conforme desenvolvido até aqui, percebemos que os parâmetros são relativos e socialmente construídos. Mulheres trans já foram impedidas de estar no vagão rosa do Distrito Federal pois um dos funcionários do metrô decidiu, através de sua opinião individual, que ela não era uma mulher. Interessante ressaltar que as companhias de metrô, à princípio, não capacitam seus profissionais sobre as questões relativas ao uso do vagão. (MOSCHKOVICH, 2014)

Assim, pergunto-me se a inclusão ou a segregação espacial ficará ao encargo das motivações, vivências, opiniões e preconceitos individuais dos funcionários destes locais. A princípio, pode parecer uma questão simples. No entanto, o que visamos questionar é tamanha concessão de poder (de definir quem é homem e quem é mulher) e as consequências nas vidas das pessoas que não se encaixam nos padrões de gênero. Ademais, o que nós da comunidade arquitetônica e urbanística temos a ver com isso quando projetamos os espaços? Será que o traço carrega consigo preconceitos de quem o faz? Podemos, através

da composição espacial, trazer soluções a estes entraves sociais?

# QUESTÕES DE SAÚDE



*"No entanto, a ciência médica, tão vigilante nos seus métodos de observação, classificação, em seus controles de resultados, considera uma experiência identitária como uma doença, sem ter prova nenhuma, nenhum indicador objetivo que legitime esta classificação."* (BENTO, 2008, p 67)

Explico. Há um manual de orientação que lista categorias de transtornos mentais e respectivos critérios para diagnóstico. O então chamado Manual de Diagnóstico e Estatísticas de Distúrbios Mentais<sup>11</sup> (DSM). Ele baseia-se na Associação Americana de Psiquiatria<sup>12</sup> (APA) e é tido mundialmente como referência não apenas pelos profissionais, mas também pela indústria farmacêutica, companhias de seguro e até parlamentos políticos. Junto a ele, há o Código Internacional de Doenças<sup>13</sup>, publicado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Este último padroniza a codificação de doenças e demais problemas de saúde, abrangendo sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, etc. A APA foi criada em 1892 na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos e desde então começou a reunir dados para elaboração do DSM<sup>14</sup>, que finalmente foi lançado na década de 1950.

É interessante destacar que o DSM manteve até 1987 a classificação da homossexualidade enquanto doença, mais especificamente como "distúrbio de orientação sexual". Sendo classificada como doença, serviu como prerrogativa para que médicos e demais profissionais determinassem aos pacientes internações em manicômios e em clínicas de tratamento.

*"Transformada pelos saberes médicos em doença, alienação, desajuste, irracionalidade e perversão, a loucura carrega um conjunto de práticas, concepções e saberes que, ancorados em uma moralidade ditada pelos bons costumes, pela ordem e pelo trabalho produtivo, faz desligar de forma explicitamente violenta os diferentes laços de construção e pertencimento humanos. (...) O manicômio é a tradução mais completa dessa exclusão, controle e violência. Seus muros escondem a violência (física e simbólica) através de uma roupagem protetora que desculpabiliza a sociedade e descontextualiza os processos sóciohistóricos da produção e reprodução da loucura."* (LÜCHMANN, 2007, p 402)

Pessoas homossexuais foram grandes vítimas destes lugares, sendo famosos os tratamentos desumanos para “curar homossexualismo”. À época, criou-se uma cultura manicomial e patologizadora, onde quaisquer comportamentos que fugissem ao padrão de normalidade davam margem a internações<sup>15</sup>. Mães solteiras, lésbicas, mulheres negras, pobres, que gostavam de sexo, mulheres “frígidas”, divorciadas ou viúvas, todas essas tidas como histéricas (e que sofriam, portanto, de “histeria”), homens gays, afeminados, todas e todos tidos como subversivos poderiam ser internados contra sua própria vontade se o saber médico decidisse utilizar seu poder sobre os mesmos. No Brasil, tivemos a triste história do Hospital Colônia de Barbacena, onde eram enviados não somente os “naturalmente” excluídos pela sociedade, mas também pessoas indesejadas durante o período da ditadura militar no país. Anos mais tarde a luta antimanicomial veio reagir contra estes abusos.

Infelizmente e apesar de todas as discussões sobre sexualidade, ainda hoje o DSM (que se encontra na 4ª versão) e o CID (10ª versão) consideram a transexualidade uma patologia. Assumem que ela possui os mesmos sintomas em todos os lugares do mundo e em todos os seres humanos. Ignoram como variável a questão cultural em relação ao gênero.

Harry Benjamin, sexólogo autor do livro *O Fenômeno Transexual* (1966), propõe-se a auxiliar o diagnóstico da transexualidade. Afirma, então, que a cirurgia de transgenitalização é a única alternativa enquanto terapia para transexuais. Graças a isso foi bastante criticado, afinal, não considera as questões culturais e sociais que pressionam as pessoas a ajustarem seus corpos à normatividade. Em um trecho do livro ainda coloca a cirurgia, processo tão complicado, sofrido e burocrático, como solução para um problema de causa muito mais profunda. *“Para evitar que cometam suicídio, as cirurgias devem ser recomendadas”* ou ainda *“Essa cirurgia lhe permitiria (...) exercer a sexualidade apropriada, com o órgão apropriado”*. (BENJAMIN apud BENTO, 2008)

Sexualidade apropriada e órgão apropriado: o próprio autor designa a heterossexualidade como norma. Ou seja, para se atrair por homens você deve precisar ser mulher e para se atrair por mulheres você precisa ser homem e somente assim você poderá ser classificado como homem ou mulher “de verdade”. Este mesmo raciocínio torna-se guia para pressionar transexuais a realizar a cirurgia. Mais recentemente o movimento das travestis tem tomado bastante força e questiona a obrigatoriedade do procedimento. Por que, afinal,

precisa-se adequar o corpo para ter seu gênero reconhecido socialmente, quando muitos sentem-se confortáveis da maneira que são?

Além disso, questiona-se o poder outorgado à médicos de poderem ditarem quem é mulher e quem é homem. São estes profissionais que darão aval para a realização da cirurgia e apesar da existência dos manuais citados, que também reiteram normas de gênero, não há nenhuma obrigatoriedade em segui-lo. Ou seja, novamente esta população é deixada nas mãos das vivências individuais de profissionais, passíveis de conterem preconceitos enraizados.

*“O que contribuirá para a formação de um parecer médico sobre os níveis de feminilidade e masculinidade presente nos demandantes são as normas de gênero. Serão elas que estarão sendo citadas (...) quando se julga ao final de um processo se uma pessoa é um “transexual de verdade”. Não existem testes clinicamente apropriados ou repetíveis ou testes simples e sem ambiguidades. O que assusta é perceber que tão pouco saber, dito científico, gerou tanto poder.”* (BENTO, 2008, p 119)

No caso, poder de moldar corpos, de moldar vidas.

**“A transexualidade é uma das múltiplas expressões identitárias que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos “normais/anormais” e que localiza a verdade das identidades em estruturas corporais.”**

**(BENTO, 2008, p 24)**

# LEGISLAÇÃO



Esta seção existe pela importância das leis no que tange à vida e cotidiano da população LGBT. Como são uma minoria, é importante que a legislação esteja adequada às necessidades de um grupo estruturalmente oprimido. São as leis que auxiliarão ou prejudicarão os processos de reconhecimento de identidade, procedimentos médicos, tratamentos de saúde, registro e combate das violências específicas à essa população.

Uma das diversas dificuldades da população trans, por exemplo, é o acesso à Lei Maria da Penha. Quando na prática uma transexual precisa recorrer ao uso desta, os profissionais envolvidos, como delegados (as), juízes (as), etc, podem interpretar a lei como não cabível, já que eles mesmo não identificam uma transexual enquanto mulher. O mesmo acontece com a lei do feminicídio, que considera apenas mulheres biológicas como possíveis vítimas. O projeto de lei PL 8032/2014<sup>16</sup> propõe esclarecer e ampliar a proteção da Lei Maria da Penha para as transexuais, porém ainda aguarda designação do relator na Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM).

Além destas situações, transexuais têm seus nomes sociais desrespeitados cotidianamente. Nome Social<sup>17</sup> é como travestis e pessoas

transexuais escolheram ser socialmente identificadas, sendo um mecanismo já reconhecido legalmente para uso em sistemas de saúde, algumas universidades e outros espaços dentro do Brasil. Apesar do decreto nº 8727 ser bastante recente (Abril de 2016), ainda há pessoas e instituições que não o aceitam por preconceito ou falta de informação. Esta falta de respeito gera constrangimento à pessoa que necessita utilizá-lo, principalmente na escola e conseqüentemente na inserção no mercado de trabalho.

Ao desempenhar atividades como abrir conta em um banco, fazer um cartão de crédito, cadastro no sistema único de saúde, realizar matrícula em alguma instituição de ensino, procurar emprego, retirar habilitação para dirigir, votar, etc, pessoas cisgêneras não encontram empecilhos burocráticos. Porém são todas atividades que exigem identificação e aí reside o problema. Espera-se que todos estes documentos tenham correspondência com os dois gêneros socialmente delimitados e validados pelo Estado, algo que não ocorre quando se trata de uma pessoa trans.

Uma legislação mais eficiente, que garanta a obtenção e troca de documentos de transexuais pode contribuir para a diminuição de preconceitos e constrangimentos. A Argentina, por exemplo,

aprovou em 2012 um projeto de lei<sup>18</sup> que facilita a obtenção de uma identidade com nome e gênero com o qual a pessoa se identifica. No Brasil, transexuais precisam enfrentar anos em batalha judicial para obter uma decisão favorável, novamente sujeitos às interpretações pessoais de juízes.

De acordo com Bento (2008), quanto mais próximo de uma visão patologizante, maiores serão as exigências para que a pessoa transexual tenha direitos. Quanto maior a compreensão de que a transexualidade é uma questão identitária e de direitos humanos, menor os empecilhos. Atualmente, não há nenhuma lei que regulamente o processo transexualizador no país. Existe, no geral, duas maneiras de abordar legalmente a questão: reconhecimento ou autorização. Serão elas que determinarão a facilidade ou a dificuldade que a população trans encontrará para ter acesso às cirurgias. No caso brasileiro, informalmente é utilizada a concepção autorizativa, ou seja, o parecer depende da compreensão do juiz sobre transexualidade.

De acordo com a Resolução 1482/97<sup>19</sup> do CFM (Conselho Federal de Medicina) o *“paciente transexual portador de desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição*

*do fenótipo e tendência à automutilação e/ou autoextermínio (...); a transformação da genitália constitui a etapa mais importante no tratamento de transexualismo”*. Ou seja, da mesma forma que até a década de 1990 homossexualidade ainda era considerada uma doença<sup>20</sup>, em 2017 ainda temos uma visão patologizante por parte da comunidade médica.

Além disso, colocar a cirurgia de transgenitalização como necessária para o “tratamento” é extremamente impositivo. Considera que obrigatoriamente a pessoa desejará modificar seu corpo para adequar-se ao padrão de gênero binário homem-mulher, resumindo ser mulher ou ser homem a ter vagina ou pênis. Em função disso recentemente mais e mais pessoas têm se identificado travestis, isto é, pessoa transgênera não realizante da cirurgia com o intuito de criar resistência às determinações médicas sobre seus corpos. No mais, estas resoluções desconsideram todos os preconceitos e dificuldades sociais enfrentados pela pessoa transexual, resumindo o “problema” à forma física de uma genitália.

**“Embora as pessoas que vivem a experiência transexual não apresentem nenhum tipo de alteração em suas estruturas cromossômicas ou de qualquer outro tipo, são consideradas doentes mentais.”**

**(BENTO, 2008, p 20)**

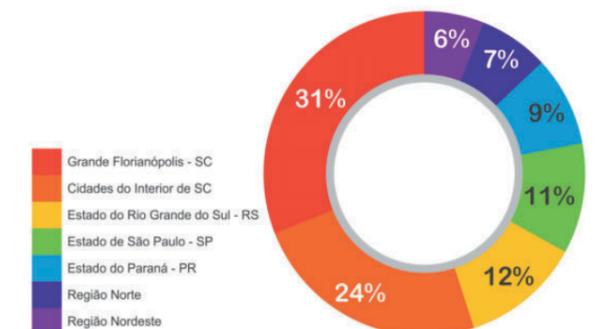
# CONTEXTO FLORIANOPOLITANO



Lirous Kyo Ávila Fonseca tem 34 anos, é originária de Porto Alegre e mora em Florianópolis desde 2004. Atualmente é presidenta da ONG ADEH (Associação pelos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade) e busca através de financiamento coletivo angariar fundos para a construção de um centro de acolhimento. Em dezembro de 2016 pudemos conversar sobre o panorama florianopolitano das transexuais, o qual elucidarei a seguir com informações fornecidas durante esse encontro. Complementarei estas informações com as encontradas no trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, intitulado *Travestilidade e Transexualidade: O que o Serviço Social tem a ver com isso?*. Nele, Lirous apresenta dados levantados por ela mesma sobre as travestis e transexuais de Florianópolis com intuito de dar visibilidade às violências sofridas.

Comecei questionando-a sobre um aspecto central para os estudos de arquitetura e urbanismo: a habitação. A maior parte das mulheres transexuais que residem em Florianópolis e região moram em casas de cafetinas. Ao serem expulsas de casa, algumas meninas trans procuram auxílio no Abrigo Municipal de Florianópolis ou então no Abrigo da Mulher, todavia, como não se adequam aos estereótipos de gênero, são rejeitadas nestes locais. Dessa forma, ao serem rejeitadas

por família, grupos sociais e Estado, acabam sendo acolhidas pelas cafetinas. As casas de cafetinagem localizam-se majoritariamente nos bairros Centro, Kobrasol e Canasvieiras, próximas aos locais de trabalho.



**Gráfico 1.** Cidade onde reside a população de mulheres travestis e trans entrevistadas. Fonte: ÁVILA, 2016, p 56

Nos dois gráficos a seguir podemos observar a idade e os motivos que levam travestis e transexuais a saírem de casa. O primeiro demarca que a saída/expulsão está diretamente ligada com a questão da sexualidade, sendo por vezes ligada à violência familiar. O segundo gráfico aponta a dificuldade de encontrar emprego estável que possibilite a transição e a incompreensão familiar em relação à prostituição como dois dos maiores fatores de saída de casa, quando não se enquadra em expulsão.

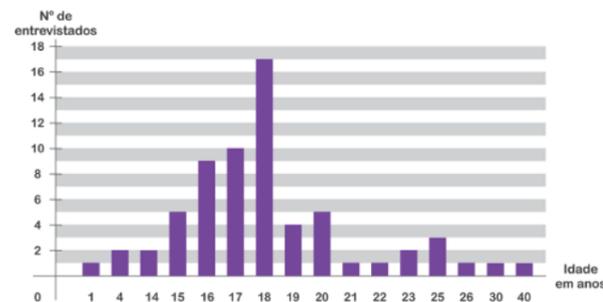


Gráfico 2. Idade que demarca a saída de casa.

Fonte: ÁVILA, 2016, p 42

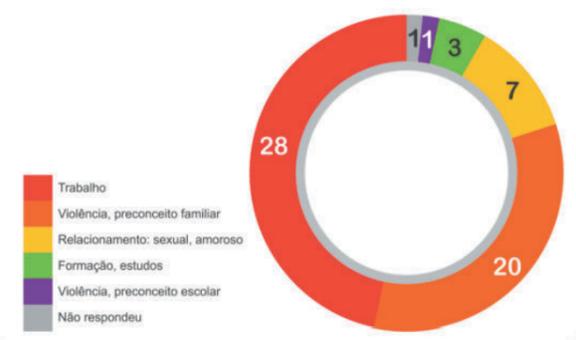


Gráfico 3. Motivos que levaram à saída de casa. Fonte: ÁVILA, 2016, p 43

A cobrança das residências normalmente é feita em forma de diárias, que giram em torno dos R\$60 ao dia. Na lógica territorial da prostituição, todo trabalhador ou trabalhadora deve pagar pelo

local de trabalho, o “ponto”, ao cafetão ou cafetina dono do mesmo. Caso alguma profissional decida realizar os programas sem pagar o ponto, as demais sentem-se injustiçadas e podem ameaçá-la ou agredi-la. As profissionais trans entram assim num ciclo de endividamento.

Em suas pesquisas de campo, a cientista social também pôde constatar que diversas prostitutas trans tinham que pagar mais da metade de sua renda às donas das casas, valor este que fica em torno de mil à dois mil reais. Se fizermos as contas, dois mil reais do ponto mais as diárias da casa resultam no valor de R\$ 4mil ao mês, um valor já exorbitante para qualquer profissão média no Brasil, desumano para profissionais do sexo.

Lirous relata também o problema associado à aposentadoria das prostitutas trans, que passam anos sem contribuir com o INSS, por vezes sem nem saber que possuem esta opção ou então não acreditarem que chegarão à esta idade. Quando ficam com idade avançada, já incapazes de prostituírem-se, são expulsas das casas e ficam sem renda, numa situação de bastante vulnerabilidade.

Ademais, muitas não entendem a importância de conservar seus documentos e acabam jogando-

os fora, já que não identificam-se neles. Isso acarreta diversos problemas, impossibilitando, por exemplo, que aluguem propriedades. Como consequência acabam tendo que se sujeitar às leis das Casas de Cafetinagem onde moram. Em seu trabalho, Lirous aponta que diversos estudos sobre as prostitutas trans notaram que esta população tem desde cedo a presença de cafetinas e cafetões, tendo as características oriundas desta condição como intrínsecas às suas vidas.

*“Há um contexto social demarcado por violências e explorações que fizeram com que a sociedade de mulheres travestis e mulheres trans se configurasse de uma forma diferente a que vive o resto da sociedade. (...) E é com essa realidade que teremos que lidar como profissionais (...), respeitando nossos limites e não querendo impor realidades baseadas no convívio social enquanto população de pessoas ‘cis’.” (ÁVILA, 2016, p 50)*

Usualmente o perfil das cafetinas consiste em ex-prostitutas transexuais mais velhas que acabam por acolher as meninas quando estas são expulsas de casa, por vezes estabelecendo

**“É complicado querer que vivamos dentro de normas sociais de uma sociedade que nos excluiu e nos marginalizou; as regras entre a nossa população se configura de forma diferente.”**

**(ÁVILA, 2016, p 50)**



uma relação psicológica maternal. Lirous pontua a importância desse acolhimento, que todo o restante da sociedade se nega a realizar. Apesar de polêmica e possivelmente contraditória, a situação dessas cafetinas pode ser compreendida quando levamos em conta que estão inseridas numa lógica de “escravizar ou serem escravizadas”, como a entrevistada ressalta. Além disso, as cafetinas trabalham no empoderamento e proteção dessa população, que normalmente possui auto estima bastante baixa pela rejeição e violência que sofrem.

*“Sem a ação delas [das cafetinas], haveria um grande aumento de violência na cidade, uma vez que impõem regras e controlam a atividade da prostituição. No entanto, a prostituição envolve um esquema mais amplo, onde a rua tem dono e a punição pode chegar a ser a morte para os que desrespeitam esses espaços.” (ÁVILA, 2016, p 73)*

Infelizmente esta mesma relação será utilizada para manter uma rede de tráfico de mulheres transexuais. As mesmas não reconhecem que estão sendo traficadas, já que acreditam realizar as mudanças por espontânea vontade. Essa

rotatividade do local de trabalho também tem a intenção de impedir a criação de vínculos afetivos, tanto com cidades, quanto com pessoas. No Gráfico 4 podemos observar essa instabilidade sobre o local de habitação. A rede de cafetinagem e de tráfico de pessoas estende-se até a Inglaterra, onde Lirous afirma que além de sofrerem preconceito por serem mulheres transexuais latinas, também têm de lidar com a rivalidade entre outros grupos de transexuais estrangeiras, sendo comum brasileiras e mexicanas lutarem por seus territórios. Assim, são pessoas que estão sujeitas a sofrerem num mesmo contexto machismo, transfobia, racismo, xenofobia, entre outras formas de violência física e psicológica.



**Gráfico 4.** Quanto tempo residem na cidade atual. Fonte: ÁVILA, 2016, p 57

Florianópolis não é um grande polo de prostituição (sendo estes em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, etc), entretanto, durante o verão ocorre uma alta procura pelo serviço. Assim, diversas profissionais migram à cidade para atender turistas. Concomitantemente, há um salto nos índices de violência dessa população. Aqui então cabe uma reflexão sobre a visibilidade que nossa cidade detém enquanto capital *gayfriendly*. Um dos marcos dessa publicidade é a lei municipal nº 7961/2009<sup>21</sup>, que assegura a livre expressão e manifestação da afetividade de homossexuais, bissexuais e transgêneros em locais públicos ou privados.

Numa reportagem do ClicRBS<sup>22</sup>, a manchete exalta a cidade como “Florianópolis: a mais querida entre os turistas gays”. Ainda pontua a ilha enquanto “um dos pontos turísticos mais procurados pelo público gay”. Conforme o Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur), a cidade é classificada como terceira mais visitada do país. Já a Santur (Santa Catarina Turismo) coloca a cidade como melhor destino LGBT do Brasil<sup>23</sup>. Essas notícias refletem os investimentos voltados ao turismo dessa população. No ano de 2012, Florianópolis recebeu em Jurerê Internacional a 29ª IGLTA (Convenção Global da Associação Internacional do Turismo Gay), sendo a primeira vez que o evento aconteceu

na América do Sul. A matéria ainda cita a lei municipal nº 7961/2009 como uma vantagem de eleger a cidade como destino de férias.

Outras matérias também exaltam a capital enquanto destino para turismo gay. Entre os locais citados<sup>24</sup> estão a Praia Mole, as casas noturnas 1007, Concorde Club, Jivago Social Club, Bar do Deca, Bar do Jonas 570, Blues Velvet, os cinemas Hunter VideoClub e Play 156 Vídeo Privê e saunas Adelino e Thermas Oceano. Também é destacada a Parada da Diversidade, proposta pelo vereador Tiago Silva, envolvido em polêmica ao tentar patentear o que a população LGBT da cidade encara como um evento de teor político e público.

*“A Parada da Diversidade, realizada em setembro, é a maior do Sul do Brasil e atrai visitantes do país todo. O clima é leve e sempre faz com que os moradores conquistem direitos. Além disso, há carnaval especializado e casas noturnas gay friendlys.” (Marta Dalla Chiesa citada em FREGAPANI, 2013)*

É interessante pontuar como a expressão “turismo gay” e “cidade gayfriendly” são usadas nos textos enquanto representantes de toda a

classe LGBT. Em termos práticos, esse turismo é voltado principalmente a homens homossexuais com poder econômico considerável. Nenhuma das reportagens, apesar de evocar o termo LGBT, fala sobre a questão da prostituição ou considera as pessoas trans enquanto possível público para o turismo.

As mulheres trans vítimas de violência por vezes recorrem à Delegacia da Mulher, que não surpreendentemente age de maneira preconceituosa contra elas. Os profissionais erroneamente indicam que são as ONGs de Florianópolis as responsáveis pelo acolhimento desta população. Quando na verdade, as ONGs realizam trabalho voluntário para suprir demandas de responsabilidade do Estado. Durante a entrevista, Lirous destacou o conhecimento por parte da prefeitura sobre a situação, porém não apresentando interesse em resoluções.

Sobre os locais de frequência, a cientista social ressaltou que para pessoas transexuais o período do dia é mais importante do que necessariamente o espaço físico em si. À noite elas se sentem de fato seguras e isso se deve ao preconceito sobre pessoas trans serem violentas. Em suma, é o prejulgamento de que essa população é violenta ou perigosa que evita agressões no período

noturno. Apesar da existência de diversas casas noturnas gayfriendly em Florianópolis, constantemente existem relatos de agressão e problemas relacionado ao manejo desta e de outras situações de respeito às minorias. O que apenas nos mostra o quão dificultoso pode ser assegurar que esta população seja respeitada, seja ao utilizar os banheiros ou evitar assédios e violências.

No mais, não houve nenhum local público ou semipúblico que Lirous pôde identificar como seguro ou acolhedor para a população transexual ou travesti em Florianópolis e região. Nem mesmo a Universidade Federal de Santa Catarina, que se autoproclama uma instituição tolerante e aberta, consegue escapar dessa lógica. Lirous, graduada na UFSC, relatou problemas cotidianos tanto com professores quanto com alunos. O mesmo normalmente ocorre durante a vida escolar, como já explanei anteriormente.

No que tange transporte e deslocamento, a entrevistada identificou um fator importante: a passabilidade cis. No blog Interferência Transmutante, explica-se o conceito:

*“Existe uma diferença imensa entre você pertencer a um grupo privilegiado*

*e você “passar como se fosse” uma pessoa que pertence a esse grupo privilegiado. Passabilidade cis significa que você (pessoa trans) é lido pelas outras sem ter a sua dissidência ao sexo assignado no nascimento posta em evidência. Em alguns casos isso significa que a pessoa está te lendo como você não se identifica (acionando a violência chamada: disforia). Em alguns casos você está se camuflando de algo que você não é, pra evitar sofrer certas violência (acionando outra violência chamada: armário). Em todos os casos pode surgir uma relação de hostilidade e violência a qualquer momento que a pessoa que te lê seja confrontada com sua transgeneridade. Passabilidade cis é um EFEITO da transfobia, do olhar cissexista que distorce nossas imagens dentro daquilo que prefere enxergar.” (Sobre Passabilidade Cis)<sup>25</sup>*

Sendo assim, pessoas transexuais que podem ser lidas como cisgêneras conseguem ocupar espaços com mais facilidade, sendo falsamente respeitadas. No caso do transporte público, novamente aparece a importância do período

do dia. Porém Lirous ressalta que, no geral, as linhas Canasvieiras e continentais possibilitam mais respeito à comunidade trans por possuírem uma funcionária transexual. A presidenta da ADEH explica que comumente o abuso parte dos próprios funcionários do Consórcio Fênix, que não são capacitados dentro da empresa para compreenderem a questão.

Florianópolis conta com o ambulatório trans localizado na Lagoa da Conceição. O local atende uma vez por semana às demandas da população trans, que consiste principalmente em tratamentos hormonais. Uma das grandes críticas de Lirous à esta situação é que os demais postos de saúde, por falta de preparo de seus funcionários, rejeitam atendimento às transexuais e travestis, alegando que o posto da Lagoa é o único que oferece este serviço. Além de inconstitucional<sup>26</sup>, essa atitude possui consequências negativas no atendimento à saúde da população, que acaba por sobrecarregar o ambulatório da Lagoa. Qualquer médico clínico geral possui capacidade para receitar hormonioterapia, o que agilizaria o atendimento dos postos de saúde em geral e não sobrecarregaria apenas um posto.

# EXEMPLOS PROJETUAIS



Imagem 2. Terreno do futuro Carrfour Supportive Housing. Fonte: South Florida Business Journal

Muitos centros de acolhimento e residências ainda são apenas projetos, não possuindo nem desenho. O maior de todos é em Miami (EUA), da Carrfour Supportive Housing, chamado Equality Park, que contará com 48 apartamentos destinados para a população idosa LGBT, previsto para 2019. À esquerda, uma imagem do terreno do futuro empreendimento.

Apesar da falta de informação sobre algumas instituições, fiquei positivamente surpresa com a quantidade de programas e entidades de suporte LGBTQ+ que existem nos Estados Unidos. Nova York em especial tem uma extensa lista<sup>27</sup> de programas, abrigos provisórios e etc relacionados ao tema. A seguir, trouxe os exemplos que identifiquei enquanto mais relevantes em termos projetuais ou organizacionais, buscando também exemplos brasileiros.

## TRUE COLORS (Edelman Sultan Knox Wood | Nova York | 2011)

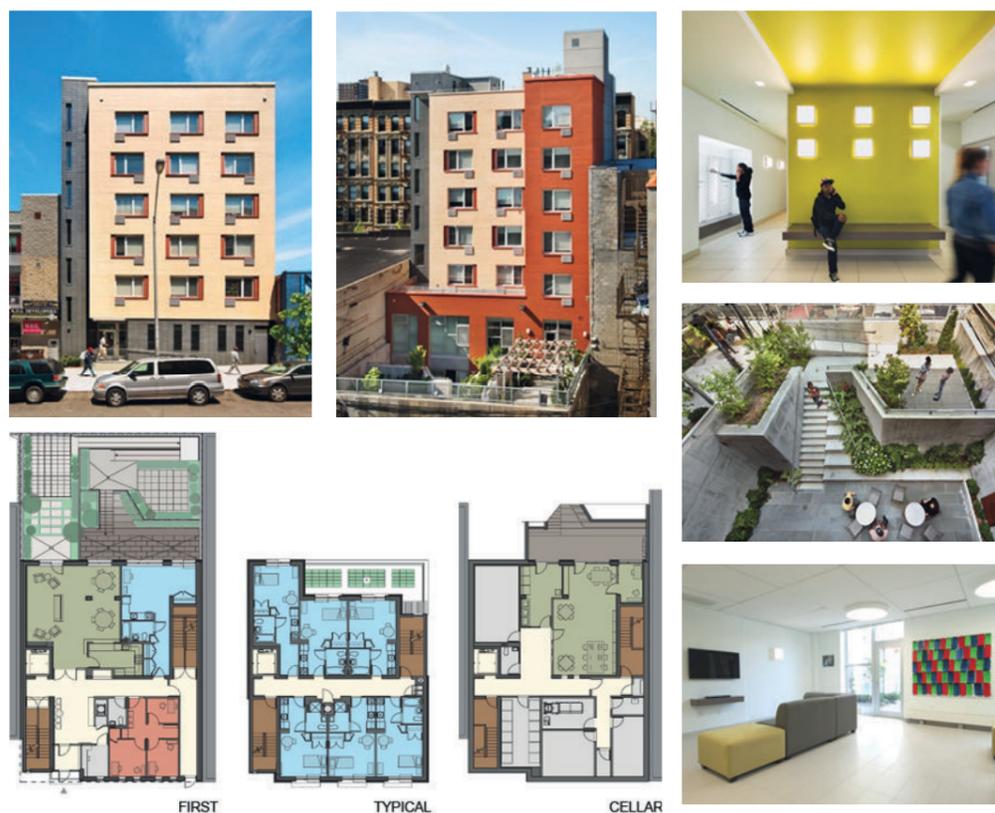


Imagem 2 e 3. Acima à esquerda. True Colors Residence.

Imagem 4. Abaixo à esquerda. Plantas Baixas.

Imagem 5, 6 e 7. Coluna à direita. Hall True Colors Residence, Pátio externo e área de TV. Fonte: Edelman Sultan Knox Wood Architects

A True Colors Residence (TCR) é um projeto inaugurado em 2011 de West End e parceiros (Cyndi Lauper e Lisa Barbaris) que possui intuito de acolher jovens LGBTs nova iorquinos em situação de rua, dentro da mesma lógica de outros projetos desta Organização sem Fins Lucrativos. A TCR é a primeira e única Casa de Acolhimento permanente da cidade para estas pessoas que chegam a atingir 40% da população desabrigada.

A casa acolhe LGBTs na faixa de 18 a 24 anos que pagam aluguel de acordo com sua renda. Em sua estrutura a casa conta com 30 quitinetes equipadas com cozinha e banheiro, espaço comunitário interno e externo, sala de computadores, uma pequena biblioteca, lavanderia comunitária além de salas administrativas e de reuniões. O projeto, de acordo com os próprios arquitetos<sup>28</sup>, foi desenhado pensando-se em reduzir custos e dar vivacidade ao local através da escolha do tijolo à vista enquanto material compositor da fachada. Esta última possui grandes aberturas que possibilitam a otimização da entrada da luz dentro de cada unidade.

O quintal dos fundos, conformado em três níveis distintos, oferece área de sombreamento através de uma estrutura treliçada, área de yoga e um pátio resguardado num nível inferior como área comunitária. Estes níveis foram construídos de maneira a permitir a entrada de luz na biblioteca e na sala de computadores. O projeto incorpora elementos vegetais e recebeu o prêmio NYSEDA por conservação de energia. Sensores integrados de luz nas áreas comuns e salas administrativas e lâmpadas de LED e luz fluorescente minimizam o uso de energia elétrica. A cobertura foi projetada e pré-equipada pensando-se na futura instalação de um teto verde. O projeto recebeu em 2012 o BSA Design Award for Housing e SARA Award.

A Casa 1 é uma iniciativa de Iran Gusti, morador de São Paulo que já recebia LGBTs expulsos de casa em sua própria residência. O projeto pretende funcionar como abrigo e centro cultural dessas minorias e teve sua arrecadação de fundos feita através de financiamento coletivo a partir do site Benfeitoria<sup>29</sup>. “A Casa 1 (...) vai ser uma república de acolhimento LGBT, mas que não tem um caráter assistencialista. A ideia é criar uma rede de contatos de acordo com a necessidade dos que chegam”, relatou Iran em entrevista.

Em menos de dois meses foram arrecadados R\$ 35 mil reais para iniciar o projeto. A Casa 1 é uma casa alugada no bairro Bela Vista (Bixiga), por

isso não há plantas arquitetônicas disponíveis do local. O piso superior foi transformado em um espaço dormitório para até 20 pessoas. Há 2 beliches, vários sofás, uma pequena cozinha e banheiro. O Térreo possui espaço para oficinas culturais e debates.

Parcerias foram firmadas com o Ambulatório de Sexualidade da UNIFESP, o Hospital Pérola Byington e a agência de comunicação feminista Quatro e Um, que ajudou a divulgar o projeto. Além deles, outros profissionais voluntários poderão atuar independentemente na Casa, prestando assistência jurídica, psicológica, etc.

Para morar na Casa 1, é necessário ser maior de 18 anos e sofrer abuso doméstico ou violência psicológica por ser LGBT. Não é permitido consumir álcool ou drogas e a limpeza e preparo das refeições são divididas entre todos. Cada membro pode permanecer por até 3 meses, sendo possível renovar a estadia se necessário, enquanto procura-se um trabalho fixo e outro lugar para ficar.

A Casa também pretende estabelecer contato com a comunidade através do “Adote um idoso”, programa através do qual cada LGBT acompanha um idoso em oficinas de crochê e bordado em roda. Até então cinco pessoas se mudaram para a Casa.

É o próprio Iran Giusti que administra os pedidos de moradia, que vêm de todo o Brasil, inclusive de menores de idade. Normalmente estes são indicados para abrigos correspondentes às suas regiões ou encaminhados à algum profissional para acompanhamento psicológico. A intenção atual é transformar a Casa 1 numa ONG para que possa receber verbas governamentais e estabelecer parcerias com empresas.

## CASA 1 (São Paulo | 2017)



**Imagem 8.** Acima à esquerda. Maria Leticia Ohana Costa, moça trans acolhida no dormitório da Casa 1. Fonte: Katherine Jinyi Li.  
**Imagem 10.** Abaixo à esquerda. Iran Gusti em frente à Casa 1. Fonte: Nilton Fukuda, Estadão.  
**Imagem 9, 11 e 12.** Imagens à direita e centro. Festa de inauguração da Casa 1. Fonte: Katherine Jinyi Li.

## CASA NEM (Rio de Janeiro | 2015)



A Casa Nem, localizada na Lapa, Rio de Janeiro, acolhe e dá subsídios à mulheres trans e travestis até que possam se sustentar por conta. De funcionamento similar à Casa 1, é gerida majoritariamente por mulheres trans. O espaço atua em diversas frentes, como festas para arrecadação de dinheiro, debates, aulas de costura, fotografia, história da arte, libras, yoga e um cursinho preparatório para o ENEM, o “PreparaNem”. Não determinam o tempo de estadia e atualmente acolhem 20 meninas, porém em resposta privada, a organização informou que durante os Jogos Olímpicos de 2016 a Casa chegou a abrigar 70 pessoas. Infelizmente não obtive sucesso em encontrar informações sobre a estrutura física do local para além das fotos.

**Imagem 13.** Acima à esquerda. Casa Nem.

**Imagem 14** Acima à direita. Festa ocupando a rua da Casa.

**Imagem 15, 16 e 17.** Imagens abaixo. Exibição de cinema e Roda de Debates, Moça Dançando em festa.

Fonte: Casa Nem.

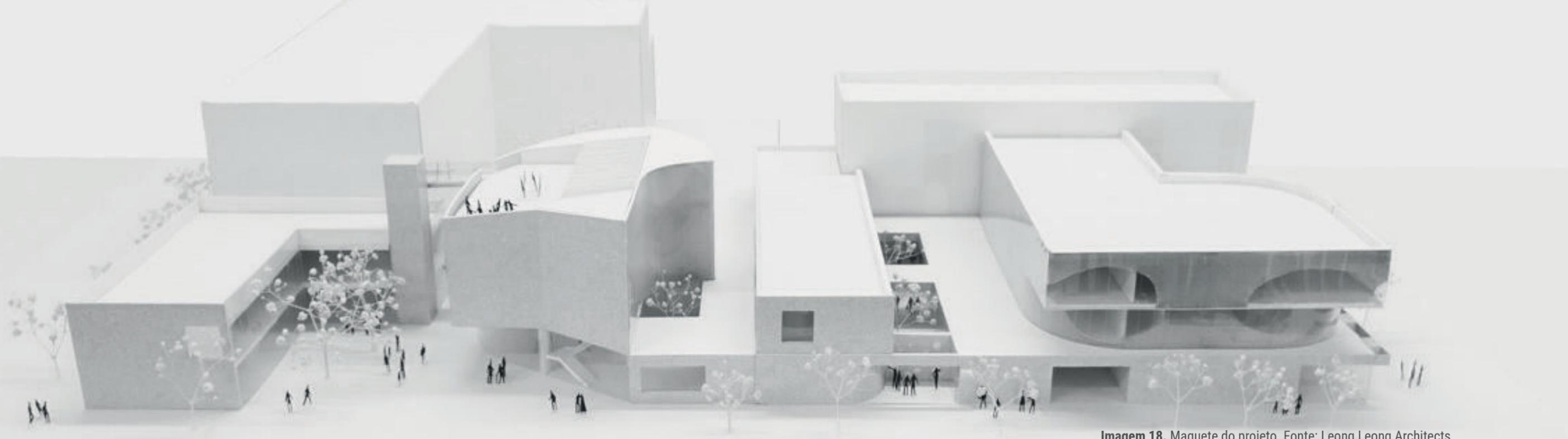


Imagem 18. Maquete do projeto. Fonte: Leong Leong Architects.

## ANITA MAY ROSENSTEIN (Leong Leong + Killefer Flammang | LOS ANGELES | 2019)



Imagem 19. Vista da rua para o Centro de Acolhimento Anita. Fonte: Leong Leong Architects.

O projeto faz parte das instalações do Los Angeles LGBT Center, que desde 1969 promove e acolhe LGBTs em Los Angeles. Atualmente a instituição possui 600 empregados e trabalha nas áreas de Saúde, Serviço Social e Habitação, Cultura e Educação, Liderança e Direito. Nos centros para jovens (18-24) há a possibilidade de adquirir uma nova habitação, aconselhamento, refeições, grupos de ajuda, salas comunitárias, acesso à computadores e internet e passeios programados.

O projeto, que possui aproximadamente 17 mil m<sup>2</sup> e ocupa um quarteirão, foi concebido pelo escritório Leong Leong e será executado por Killefer Flammang Architects. Serão 3 pavimentos que conterão 100 unidades para idosos, 100 camas para jovens desabrigados, centros de convivência idoso e jovem, 35 unidades permanentes para jovens, uma cozinha industrial para alimentar jovens e idosos desabrigados, térreos livres e 350 vagas de estacionamento subterrâneo para moradores e visitantes. Tudo isso dentro de uma tipologia constituída de uma série de volumes curvos empilhados, tendo o terceiro pavimento sobressalente em relação aos demais em uma das laterais.

Além disso, a nova instalação abrigará salas administrativas, permitindo que outro edifício da instituição possa se tornar completamente um centro médico e de saúde. Estes espaços de estar no térreo unificam as demais áreas bastante diversas do projeto e propõem a apropriação pública do mesmo. uma qualidade bastante positiva do projeto, em especial pelo fato de estar inserido num campus em Hollywood. Para subsidiar este projeto, a instituição está levantando fundos que esperam atingir \$40 milhões de dólares.

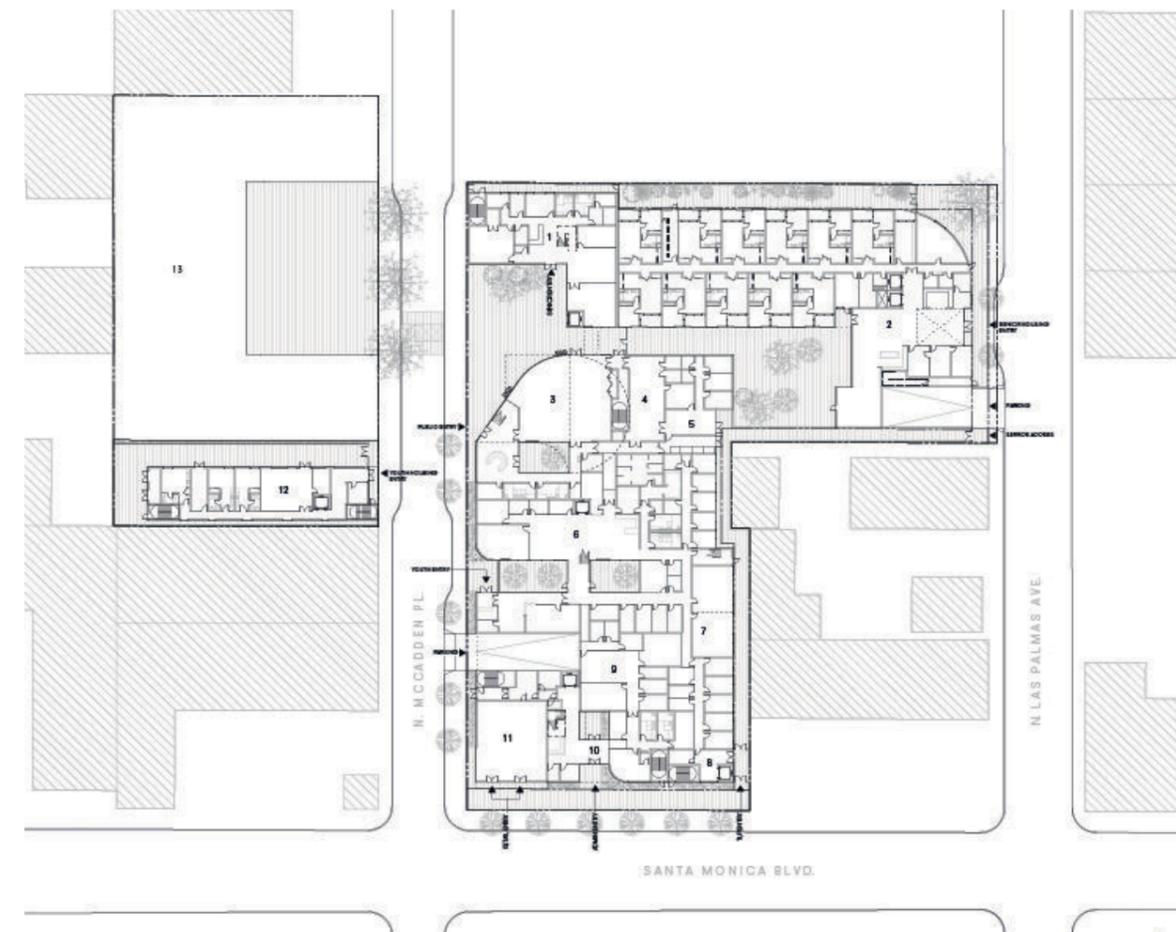


Imagem 20, 21 e 22. À esquerda. Pontos de vista diversos.  
Imagem 23. À direita. Planta Baixa do Projeto.  
Fonte: Leong Leong Architects.



A vertical bar on the left side of the page, composed of seven horizontal stripes of equal width, colored from top to bottom: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

# **PARTE 2**

## **proposta**

# INTRODUÇÃO

Já muito discorri sobre a população LGBT. Aqui resolvi sintetizar os dados encontrados:

- um crime de ódio a cada 27 horas: 52% gays, 37% travestis, 16% lésbicas, 10% bissexuais.
- **O Brasil é campeão mundial em homicídios de LGBTs;**
- De cada 5 gays ou transgêneros mortos no mundo, 4 são no país;
- **Mais da metade dos homicídios contra transexuais do mundo ocorrem no Brasil;**
- Dos quais as armas brancas aparecem como causa majoritária, com 37% do total, seguidas das armas de fogo com 32%, nisto inclusos espancamento, pauladas, apedrejamento e envenenamento;
- Sobre o local de execução, 56% das travestis e transexuais são mortas em espaço público, normalmente através de armas de fogo;
- Gays e lésbicas morrem mais dentro de casa (36%);
- **A expectativa média de vida da população trans é de 35 anos;**
- As principais causas de morte das trans são assassinato e suicídio;
- 82% das transexuais e travestis abandonam o ensino médio entre os 14 e os 18 anos de idade no país; (abandonar é o verbo do censo, que desconsidera a questão social de expulsão)

- Altos índices de marginalização ou discriminação por parte de professores ou colegas, seja na escola ou faculdade;
- 90% das travestis e transexuais se sustentam através da prostituição;
- O Brasil é o país que mais consome pornô trans, com 89% mais interesse nesse recorte do que o restante do mundo;

E na Contextualização Florianopolitana:

- A maior parte das mulheres transexuais que residem em Florianópolis e região moram em casas de cafetinas;
- **Não são acolhidas no Abrigo Municipal;**
- As casas de cafetagem localizam-se majoritariamente nos bairros Centro, Kobrasol e Canasvieiras, próximas aos locais de trabalho;
- Expulsão de casa/escola por conta da sexualidade;
- Grande dificuldade de arranjar emprego;
- Acabam sendo acolhidas pelas cafetinas;
- Grande cobrança pelo ponto de prostituição;
- Entram numa rede de tráfico de pessoas sem necessariamente estar cientes;
- Caráter dúbio de Florianópolis enquanto cidade gayfriendly;
- Existência da Lei municipal contra homofobia;
- Existência do Ambulatório Trans na Lagoa;
- Existência da ADEH e outras ONGs;

As Casas de Acolhimento têm despontado recentemente no mundo. São frutos das lutas históricas por reconhecimento e direitos igualitários. Isso também se dá graças ao recente fortalecimento do movimento LGBT, com a busca por políticas públicas que abarcassem suas necessidades tanto através de infraestrutura física quanto apoio social ou de saúde. Uma casa de acolhimento LGBT em Florianópolis seria pioneira em sua região, além de beneficiar-se de certos equipamentos que a cidade já oferece, como ONGs, suporte legal, equipamentos de saúde e eventos.

O projeto atenderá uma população bastante negligenciada pelo Estado e pela sociedade e possibilitará restabelecimento e crescimento para as mesmas. A Casa servirá como local para fortalecimento de movimentos sociais ao permitir a ocupação de um espaço físico específico. Muito além de simplesmente prover teto às pessoas necessitadas, um Centro de Acolhimento oferece diversas outras atividades e infraestrutura para seus moradores. Ademais, a Casa deveria servir não somente para acolher, mas também para facilitar o acolhimento por parte do restante da sociedade, servindo de ponte entre pessoas estruturalmente desconectadas.

Como já discuti anteriormente, a população LGBT não é acolhida em nenhuma das instalações oferecidas pelo Estado em Florianópolis por problemas relacionados a preconceitos estruturais. Assim, realizada da maneira proposta, seria referência enquanto Casa de Acolhimento, não apenas por realizar este trabalho tão básico que é o acolher, mas também por conter em seu programa outras atividades, como cursos profissionalizantes, espaços de convivência e conexão, apoio psicológico junto à uma equipe multifuncional e comércios e atividades que coloquem a população geral em contato com pessoas LGBT segregadas. Algo que, infelizmente, ainda não acontece em nosso país.

## ANÁLISE DE EXEMPLOS

### TRUE COLORS

Pontos Positivos:

- o programa abarca atividades amplas, como espaços de convívio interno, apoio psicológico, área externa, biblioteca, sala de computadores, etc;
- projeto de baixo custo;
- uso consciente de energia;
- ambiência de qualidade;
- dormitórios individuais;

Pontos Negativos:

- desconexão com entorno, tanto física quanto de atividades, ou seja, não há integração com sociedade exterior;

### CASA 1

Pontos Positivos:

- Localização na cidade;
- Promoção de eventos integrativos;

Pontos Negativos:

- falta infraestrutura para receber acolhidos;
- não há vagas de estacionamento/bicicletário/ etc;
- ausência de vegetação;
- aspectos de conforto térmico e acústico defasados por se tratar de uma construção antiga;
- aluguel da residência consome grande quantidade de verba que poderia ser direcionada para outros pontos;

### ANITA MAY ROSENSTEIN

Pontos Positivos:

- grande infraestrutura de acolhimento (jovens+idosos);
- espaços diversos de apoio e integração;
- térreo com recortes livres, integrando a rua ao projeto;
- grande oferta de atividades;
- dormitórios individuais;
- alta qualidade espacial;
- implantação dialoga com entorno;
- uso da envoltória como elemento compositivo;
- volumetria dinâmica;

Pontos Negativos:

- custo elevado (\$40 milhões);
- grande demanda de terreno para ocupação;
- demanda de muitas pessoas para geri-lo;

### CASA NEM

Pontos positivos e negativos similares ao da Casa 1, agravados pela dificuldade de administração financeira que pode levar o local a fechar as portas e facilitados pela flexibilidade de tempo de estadia proposta pela Casa.

Utilizei a análise geral dos exemplos de casas de acolhimento para elaborar o funcionamento de uma de médio porte em Florianópolis que explico a seguir.

# ESTRUTURAÇÃO

## FLUXO DE ACOLHIMENTO

O acolhimento é um processo que pode envolver uma equipe de profissionais bastante diversos. Em conjunto, auxiliam uma pessoa LGBT a se restabelecer e a ter maior qualidade de vida, tendo objetivo final sua independência psicológica e financeira.

Os principais profissionais que podem atuar numa Casa de Acolhimento e suas atividades são psicólogos, assistentes sociais, médicos, enfermeiros, nutricionistas, terapeutas ocupacionais, advogados e administradores (gestão da Casa), professores e pedagogos. Apesar disso, não há nenhum impeditivo para que qualquer pessoa se voluntarie à ONG e participe deste processo. É importante que a Casa de Acolhimento também permita uma boa infraestrutura para que o trabalho destes profissionais seja realizado satisfatoriamente.

A faixa etária dos acolhidos também é determinada pela ONG que trabalha com o acolhimento, sendo que no projeto proposto trabalha-se com **maiores de 18 anos de idade**.

## AVALIAÇÃO

Num primeiro momento, a pessoa acolhida terá sua situação avaliada, sendo realizado atendimento psicológico com intuito de entender a situação geral da pessoa. Devem ser compreendidos estado emocional, situação socioeconômica, cultural e educacional, seu panorama familiar, seu histórico, seus possíveis problemas e necessidades específicas.

Também devem ser realizados exames médicos para saber sua situação de saúde e possíveis encaminhamentos (Ambulatório ou Hospitais) e orientações. Além disso, um acompanhamento jurídico no que tange à realização ou retificação de documentos e conscientização mínima de direitos é bastante importante.

## INTRODUÇÃO

Finalmente, uma conversa introdutória deve ser realizada sobre o funcionamento da Casa. Após isto, a pessoa estaria apta para participar de eventos de integração à comunidade acolhida.

## ESCOLHAS

A pessoa acolhida mora na Casa pelo tempo que achar necessário, tendo sempre acompanhamento e aconselhamento nesta decisão. Esta indeterminação de tempo é uma escolha sobre o funcionamento de cada Casa. Algumas propõem prazos máximos, porém tendo em vista que os acolhidos possuem situações muito distintas, é estranho padronizar um tempo de apoio. Assim, cabe à ONG gestora conscientizar seus acolhidos de que outras pessoas em situações similares às delas também necessitam da oportunidade.

Ademais, o tipo de habitação também é passível de escolha. Isso pode depender do estado psicológico de cada um, bem como de preferências pessoais e de níveis de entrosamento. Desta maneira, seria possível estabelecer um programa de acolhimento único para cada pessoa, entendendo suas necessidades e desejos bem como suas expectativas em relação ao acolhimento, integração e educação.

## INTEGRAÇÃO

Conforme o acolhido se integra à Casa, ele também passa a auxiliar no funcionamento desta. Seja trabalhando para acolher novas pessoas, trabalhando em atividades como limpeza, jardinagem, horta, biblioteca, etc ou oferecendo palestras ou cursos sobre algo que sabe (atividades manuais como pintura, escultura, costura, reparos em geral etc; atividades físicas como yoga, meditação, corrida, dança, etc; atividades sócio-culturais como leitura em grupo, rodas de debate, sarais, etc) ou então dentro do programa de Economia Solidária da ONG.

Dentro desta gama de atividades, estão inclusas as atividades e acompanhamentos propostos pelos profissionais. Estas podem ser aulas de reforço, sessões de terapia e aconselhamento, acompanhamento de processos jurídicos e de saúde, etc.

## PROSTITUIÇÃO E ACOLHIMENTO

As dinâmicas envolvendo a rede de prostituição e de tráfico de pessoas são bastante complexas e enquanto estudante de arquitetura e urbanismo, tenho noção de que não as domino perfeitamente. O projeto proposto, como tantos outros, visa dar uma possibilidade de mudança de vida a esta população, mas sabendo que a retirada ou saída desse sistema não é algo simples de ser realizado. São questões que envolvem diversos âmbitos sociais e governamentais e necessitam de políticas públicas complexas e de longo prazo. O público delimitado para acolhimento na Casa não é necessariamente o prostituído.

## ECONOMIA SOLIDÁRIA

Como projeto de Economia Solidária a ADEH já trabalha com o MODA TRANS. O projeto desenvolve roupas íntimas para mulheres trans, que possuem necessidades específicas não contempladas pelas opções binárias hoje no mercado. Por Economia Solidária, entende-se:

*“O conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizadas sob a forma de autogestão. Considerando essa concepção, a Economia Solidária possui as seguintes características: Cooperação, Autogestão, dimensão econômica e Solidariedade, que se expressa por exemplo na justa distribuição dos resultados alcançados, nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e da melhoria das condições de vida dos participantes, no compromisso com um meio ambiente saudável, nas relações que se estabelecem com a comunidade local, etc.” (Economia Solidária, Site ADEH)*

## PROGRAMA

- ACOLHIMENTO  
consultórios

- ADMINISTRAÇÃO  
reuniões  
financeiro  
jurídico

- HABITAÇÕES  
coletivas  
introvertidas  
extrovertidas  
integradas

- JARDIM  
integração à Casa da Divina Providência

- BANHEIROS  
sem gênero

- ATELIÊS  
costura  
aulas  
atividades físicas

- COWORKING  
estudo  
leitura  
reuniões  
trabalhos coletivos

- TÉRREO LIVRE OCUPÁVEL  
comércio/feiras  
exposições  
café  
estar  
passar  
socializar

- RECEPÇÕES  
acolher

- ESTACIONAMENTO  
bicicletários

# LOCAL E ENTORNO



## FLORIANÓPOLIS

Florianópolis, capital de Santa Catarina, possui 421.240 habitantes (IBGE, 2016), é constituída majoritariamente por sua parte insular, possuindo também uma parte continental. Pólo turístico da região, possui como atividades principais funções administrativas ligadas ao Estado e às instituições UFSC e UDESC, além de concentrar infraestrutura de comércios e de saúde. Recentemente a cidade busca dinamizar sua economia estimulando, através de incentivos fiscais, um pólo de indústria criativa no norte da Ilha. A região metropolitana de Florianópolis abarca os municípios de São José, Palhoça e Biguaçu, totalizando uma população de pouco mais de um milhão de habitantes.

Inicialmente Desterro, e da mesma forma que outras cidades próximas, foi fundada no século XVII, tendo sua vida urbana despontando de fato no século XVIII com a colonização açoriana. O modo com o qual esta população estabeleceu-se influencia a configuração urbana da cidade até hoje. Além de ser parte ilha, é constituída de áreas pantanosas, manguezais, maciços e praias. Graças a este panorama, a cidade não possui uma malha urbana contínua, sendo constituída de bairros afastados e distintos uns dos outros.

Nestes bairros, os lotes foram divididos de acordo com a tradição colonial, que estabelecia uma rua única, as chamadas servidões, sem saída e sem conexão com vizinhos, da qual surgiram os loteamentos, configurando o que chamamos de “espinha de peixe” (COCCO, 2016). As casas açorianas eram construídas em lotes individuais, com repartição posterior. Este quadro acabou por constituir uma capital com graves problemas relativos à mobilidade urbana, propondo desafios aos seus gestores e moradores no que tange à temática. Por este quadro percebemos a importância em bem localizar na cidade a população LGBT, normalmente segregada, que acaba ficando longe da infraestrutura urbana e dependente do transporte público insuficiente oferecido.

No que tange aos aspectos bioclimáticos, a capital catarinense está inserida numa área de clima subtropical úmido. Assim, recebe influência de massas de ar tropicais no verão e polares no inverno, tendo estações bem definidas e média anual de 20,3°C. Não há estação seca, sendo as chuvas bem distribuídas durante todo o ano (SANTOS, 2003). O contraste entre as temperaturas de verão podem chegar à 40°C, e

de inverno, com média de 15°C. Além disso, há de se considerar os ventos locais, notadamente o Nordeste durante os verões e o Sul no inverno.

A Casa de Acolhimento da prefeitura de Florianópolis, além de não suprir a demanda regional, acaba não atendendo a população LGBT por conta de preconceitos estruturalmente estabelecidos e má orientação e treinamento de funcionários. Não há censo que estime a quantidade de população de lésbicas, bissexuais ou transexuais na capital. Porém analisados contexto, demais referências de casas de acolhimento e informações que obtive durante entrevistas com gestores das mesmas, objetivou-se criar uma casa de grande porte de acolhimento.

## TERRENO

Critérios para definição do terreno:

- proximidade com estabelecimentos assistenciais de saúde, comércio e instituições de ensino;
- facilidade de acesso através de transporte público e individual (ônibus, carro, moto, bicicleta, etc);
- posicionamento na malha florianopolitana que possibilite facilidade de acesso aos demais locais de frequência LGBT;
- localização em uma zona com média a alta densidade populacional;
- estabelecimento em uma zona bem servida de todos estes serviços enquanto uma forma de resistência, levando-se em conta que esta é uma população marginalizada e que normalmente é expulsa por especulação imobiliária e preconceitos;
- local que seja visualmente perceptível ou que reforce a existência desta população por vezes esquecida;
- terreno que seja da Prefeitura de Florianópolis, ou próximo, assumindo que este seria doado à ONG;
- terreno que não esteja dentro do circuito de guetização LGBT da cidade, que possibilite a oferta de uma expansão dos espaços de sociabilidade deste grupo;



**Mapa 01.** Sem Escala. Mapa Esquemático de Florianópolis e Região. Centros de interesse urbanos à População LGBT: os bairros Kobrasol e Canasvieiras possuem casas de cafetinagem. O bairro Centro possui diversos locais de frequência LGBT. O Ambulatório Trans localiza-se na Lagoa da Conceição. CALGBT+ refere-se à Casa de Acolhimento LGBT proposta. As praias de frequência LGBT não estão demarcadas no mapa.



**Imagem 24.** Primeira da esquerda à direita. Panorâmica da Av. Professor Henrique da Silva Fontes em direção à Pista de Skate. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 25.** Segunda da esquerda à direita. Paula Ramos Esporte Clube, na Av. Madre Benvenuta. Fonte: Acervo Pessoal.

**Imagem 26.** Wizard e Barddal, também na Av. Madre Benvenuta. Fonte: Acervo Pessoal.

## ANÁLISE DO ENTORNO

O Terreno situa-se no bairro Trindade, sendo um lote de esquina próximo à UFSC, em especial do Hospital Universitário e do Shopping Iguatemi, no início do bairro Santa Mônica. Outro bairro que se localiza nas proximidades é o Córrego Grande, estando a pouco menos de 400 metros dos fundos do Horto Florestal. Ademais, localiza-se dentro da Bacia do Rio Itacorubi, sendo que um dos braços do Rio Itacorubi passa próximo ao terreno selecionado, do outro lado da Avenida Professor Henrique da Silva Fontes. A região é conhecida por seu mangue e pelos problemas de escoamento das águas da chuva, claramente agravados pela falta de planejamento urbano aliado com a ocupação inadequada dos solos.

O bairro Trindade é marcado pela presença da Universidade Federal de Santa Catarina e possui dinâmica própria em relação ao Centro da cidade, sendo muito focado na instituição. É um bairro que oferece serviços e comércios bastante diversos, como mercados, padarias, açougues, papelarias, shoppings, cafés, lojas de roupas, consertos no geral, bares, lanchonetes, oficinas, gráficas, bancos, escolas, creches, cabeleireiros, centros de estética, academias, igrejas, etc.

Além disso, pela posição do terreno na malha urbana de Florianópolis, o mesmo usufrui dos demais serviços que os bairros Córrego Grande e Santa Mônica tem a oferecer, como cinemas e parques, além de mais possibilidades dos estabelecimentos já citados.

Historicamente, grande parte das terras do bairro Trindade eram de posse do Estado e da Igreja Católica. Esses lotes estatais foram fruto de desapropriações realizadas pelo governo na década de 1940 das terras comunais dos açorianos (SANTOS, 2003). A partir de 1960 a região da Bacia do Itacorubi sofreu um grande processo de expansão urbana graças à implantação de equipamentos estatais, como TELESC, CELESC, EPAGRI, ELETROSUL e a UFSC, UDESC, etc, que trouxe consigo a intensificação do fluxo de pessoas em direção àquela região. A especulação imobiliária da área teve como consequência a instalação das classes menos favorecidas nos morros da região, que ali se fixaram pela oferta de empregos.

Assim, esta área começou a sofrer com a falta de infraestrutura, o que hoje se manifesta, por

exemplo, pela dificuldade de mobilidade ou a falta de plano de escoamento para as áreas alagáveis.

Os bairros do entorno possuem alto tráfego na citada Av. Henrique da Silva Fontes. Esta Avenida, continuação da Beira Mar Norte, constitui parte do anel viário Centro-UFSC. Próximo ao terreno existem pontos de ônibus que ficam a não mais que 5 minutos de caminhada, nos quais passam linhas de ônibus que levam ao Centro, Lagoa, região Norte da Ilha, etc. A Rua Professora Maria Flora Pausewang serve de escoamento deste tráfego que chega à UFSC pela Beira-Mar, bem como é saída da instituição para a região Norte.

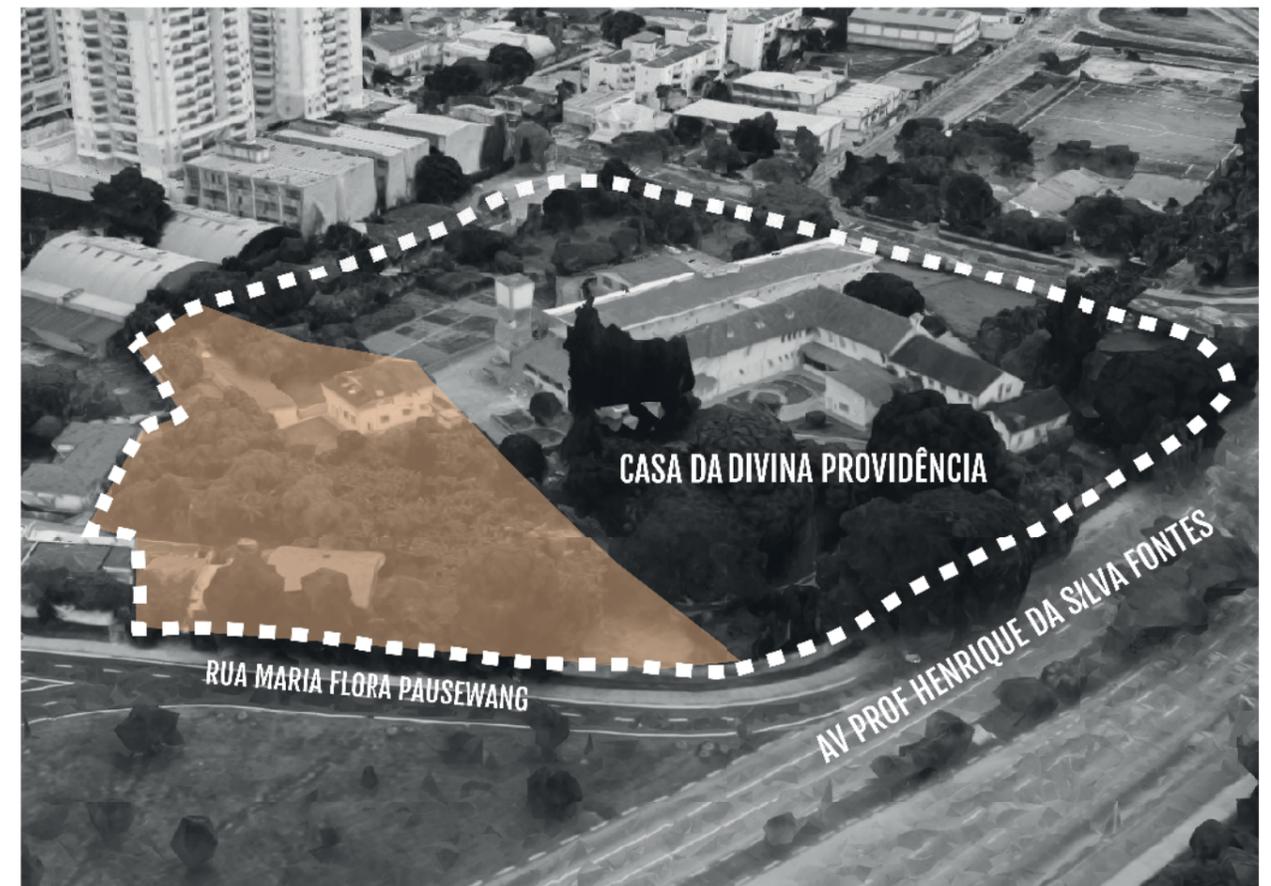
A Rua São Tomás de Aquino é uma rua local sem saída com baixo fluxo de veículos que serve às residências ali localizadas. Porém já se nota na quadra os efeitos da classificação de ARM 5.5 do Novo Plano Diretor. Diversos terrenos estão em processo de construção de edifícios e a paisagem de pequenas casas residenciais começa a se diluir. O tráfego de veículos na proximidade intensifica-se, além da grande ocupação de carros estacionados ao longo da Rua Santa Luzia e proximidades.

A Rua Maria Flora Pausewang, apesar de não possuir estabelecimentos que sejam convidativos aos pedestres, possui um fluxo mediano de pessoas, em especial as que realizam o trajeto UFSC-Santa Mônica ou aquelas que desejam chegar à Beira Mar norte para caminhadas, o que aumenta consideravelmente durante os fins de semana. Em suma, a rua é majoritariamente passagem para pedestres. Nela localizam-se uma Escola, um Pet Shop, uma concessionária, uma gráfica, alguns edifícios e casas residenciais, fundos de lotes, bancos e o Hospital Universitário à sul.

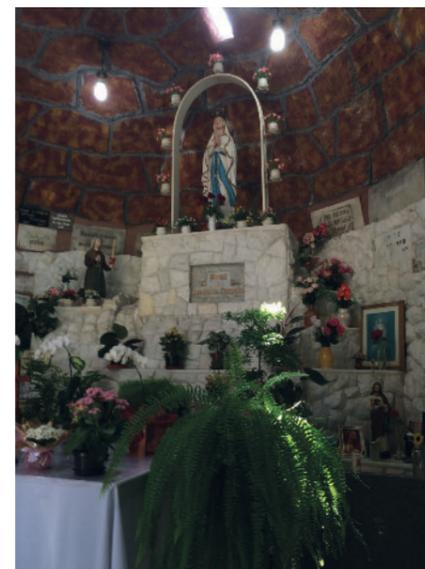
Outros estabelecimentos próximos que valem ser destacados são a escola Bardal, Wizard, Secretaria Municipal de Saúde, Vigilância Sanitária, Centro Esportivo da Polícia Militar, Escola de Educação Básica Simão José Hess, creche Waldemar da Silva Filho, Supermercados Big e Angeloni. **A principal relação que o terreno selecionado estabelece é com a Casa da Divina Providência.**



- LEGENDA**
- |   |                                |                     |
|---|--------------------------------|---------------------|
| 1 Secretaria Municipal de Saúde             | 1 Shopping Iguatemi            | 6 Shopping Trindade |
| 2 Escola de Educação Básica Símão José Hess | 2 Supermercado                 | 7 Banco             |
| 3 Centro de Ensino da Polícia Militar       | 3 Clube de Esporte Paula Ramos | ● Pontos de ônibus  |
| 4 Horto Florestal                           | 4 Posto de Gasolina            | ● Terreno           |
| 5 Hospital Universitário                    | 5 Cartório                     |                     |



Mapa 02 e 03. Sem Escala. Respectivamente: Mapa Esquemático de Análise de Entorno que demarca os principais estabelecimentos, comércios e equipamentos urbanos. Mapa esquemático em 3D da região.



**Imagem 27.** Primeira da esquerda à direita. Entrada da Gruta Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 28 e 29.** Primeira da esquerda à direita. Acima na terceira coluna. Gruta Nossa Senhora de Lourdes. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 30.** Abaixo na terceira coluna. Fiel Orando. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 31.** Quinta da esquerda à direita. Interior da Gruta. Fonte: Acervo pessoal.



**Imagem 32.** Imagem Superior. Entrada da Casa da Divina Providência. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 33.** Abaixo à esquerda. Muro da Casa da Divina Providência voltado à Av. Prof. Henrique da Silva Fontes. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 34.** Abaixo à direita. Sequência de palmeiras dos jardins da Casa da Divina Providência cortada pela Av. Madre Benvenuta. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 35.** Canto superior esquerdo. Vista da Rua São Tomás de Aquino voltado ao terreno. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 36.** Canto superior direito. Vista da Rua São Tomás de Aquino voltado à Rua Santa Luzia. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 37.** Canto inferior esquerdo. Bolsão ao final da Rua São Tomás de Aquino. Fonte: Acervo pessoal.  
**Imagem 38.** Canto inferior direito. Vista do final da Rua São Tomás de Aquino voltado ao terreno. Fonte: Acervo pessoal.



**Imagem 39.** Canto superior esquerdo. Vista do Hospital Universitário a partir da rótula da Trindade. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 40.** Canto inferior esquerdo. Vista da Rua Prof. Maria Flora Pausewang voltado ao Hospital Universitário. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 41.** Terceira imagem da esquerda à direita. Traseuntes na Rua Prof. Maria Flora Pausewang. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 42.** Canto superior direito. Vista dos comércios da Rua Maria Flora Pausewang. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 43.** Terceira coluna, canto inferior esquerdo. Transeuntes na Rua Maria Flora Pausewang. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 44.** Canto inferior direito. Relação das residências com a Rua Maria Flora Pausewang. Fonte: Acervo pessoal.



**Imagem 45.** Primeira da esquerda à direita. Panorâmica no terreno.  
**Imagem 46.** Segunda da esquerda à direita. Entrada do lote.  
**Imagem 47.** Abaixo, panorâmica superior. Terreno e casas adjacentes.  
**Imagem 48.** Abaixo, imagem superior da primeira coluna. Residência adjacente ao terreno.  
**Imagem 49.** Abaixo, imagem inferior da primeira coluna. Vista da frente do terreno em direção à rótula.  
**Imagem 50.** Abaixo, imagem superior da segunda coluna. Residência adjacente ao terreno.  
**Imagem 51.** Abaixo, imagem inferior da segunda coluna. Depósito localizado na divisa entre terrenos da Casa da Divina Providência.  
**Imagem 52.** Abaixo, canto inferior direito. Vista da frente do terreno em direção à Rua Prof. Maria Flora Pausewang. Fonte: Acervo pessoal.

## RELAÇÃO ENTRE CASAS

A inserção do projeto num terreno com estas características traz consigo aspectos específicos que merecem atenção. Assim como na programática da Casa 1, o projeto propõe que atividades sejam realizadas entre os acolhidos LGBTs e as irmãs idosas da Casa da Divina Providência. Não desconsidero a possível existência de tensão, mas é através do convívio que se desfazem preconceitos.

Mesmo visitando o local e conversando com suas administradoras, não consegui obter muitas informações ou documentos sobre a história da Casa da Divina Providência. A Gruta Nossa Senhora de Lourdes foi inaugurada dia 1 de maio de 1913. Um trecho de uma notícia sobre a comemoração dos 100 anos da Gruta do Jornal Notícias do Dia diz: *"À época da construção, toda a região tinha características rurais e o convento era uma espécie de refúgio das irmãs da Divina Providência, instituição que administrava o Colégio Coração de Jesus, hoje Colégio Bom Jesus Coração de Jesus, no centro da cidade."*

Mais especificamente, a área selecionada localiza-se na Rua arterial Maria Flora Pausewang em esquina com a Avenida Henrique da Silva Fontes

(fim da Beiramar Norte). Também possui acesso interno pela rua local sem saída São Tomás de Aquino. Internamente, o lote faz divisa com uma residência particular e os fundos de onde atualmente localiza-se a Wizard. Da perspectiva das ruas de seu entorno, a maior parte do local é visualmente protegido por um grande muro do qual sobressaem as árvores do lote. Os dois terrenos anexados à área de ACI possuem 1717,80 m<sup>2</sup>, compreendendo área total de 4127,6 m<sup>2</sup> e 88m de testada em relação à rua Maria Flora Pausewang. Há um desnível de 2 metros entre o passeio e o ponto mais alto do jardim interno.





**Imagem 53.** Superior à Direita. Horta da Casa da Divina Providência. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 54.** Superior à esquerda. Divisa entre terrenos das Casas. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 55, 56 e 57.** Inferior à esquerda, Superiores das colunas internas. Vista do passeio do jardim da Casa da Divina Providência. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 58.** Imagem inferior da segunda coluna interna. Local para orações da Casa da Divina Providência. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 59.** Imagem inferior da segunda coluna interna. Passeio do Jardim interno próximo à Av. Prof. Henrique da Silva Fontes. Fonte: Acervo pessoal.

**Imagem 60.** Canto inferior direito. Eixo de palmeiras da Casa da Divina Providência. Fonte: Acervo pessoal.

# NORMAS

## BANHEIRO SEM GÊNERO

De acordo com o Artigo 157, Seção III - Edificações Residenciais Coletivas do Código de Obras de Florianópolis:

“§ 1º - Quando o número de pessoas calculado for superior a 20 (vinte) haverá, necessariamente, instalações sanitárias separadas por sexo.

§ 2º - A distribuição das instalações sanitárias por sexo será decorrente da atividade desenvolvida e do tipo de população predominante.

§ 3º - Nos sanitários masculinos 50,00% (cinquenta por cento) dos vasos sanitários poderão ser substituídos por mictórios.”

Frente a todos meus estudos desenvolvidos até então, estarei refutando esta seção do Código de Obras para a realização do projeto.

## PLANO DIRETOR

O Plano Diretor de Florianópolis classifica a área como uma ACI - Zona Comunitária Institucional. Sendo assim, não possui determinação pelo Plano sobre número de pavimentos máximos, Coeficiente de Aproveitamento, Taxa de Ocupação, Recuo Frontal, Lateral e de fundos. Assim sendo:

“VII - Área Comunitária Institucional (ACI) - são aquelas destinadas a todos os equipamentos comunitários ou aos usos institucionais, necessários à garantia do funcionamento satisfatório dos demais usos urbanos e ao bem estar da população;

Art. 54. Os limites de ocupações das Áreas Comunitárias Institucionais são os definidos pelo zoneamento adjacentes, ou por estudo específico realizado pelo IPUF.”

Os terrenos adjacentes a serem desapropriados estão inseridos numa ARM-5.5 (Área Residencial Mista). A proposta é que estes terreno integrem-se à ACI para agregar espaço ao que virá a ser a Casa de Acolhimento. Sendo uma capital que se autoproclama Gayfriendly, é essencial contar com um local que dê suporte à esta população e permita que a mesma demarque sua presença na cidade.

Já a Casa da Divina Providência é considerada, em conjunto com a Gruta da Nossa Senhora, uma APC (Área de Preservação Cultural), sobre as quais:

“Art. 126. As Áreas de Preservação Cultural (APC) são aquelas destinadas à preservação de sítios de interesse cultural, objetivando a preservação, valorização e promoção delas.

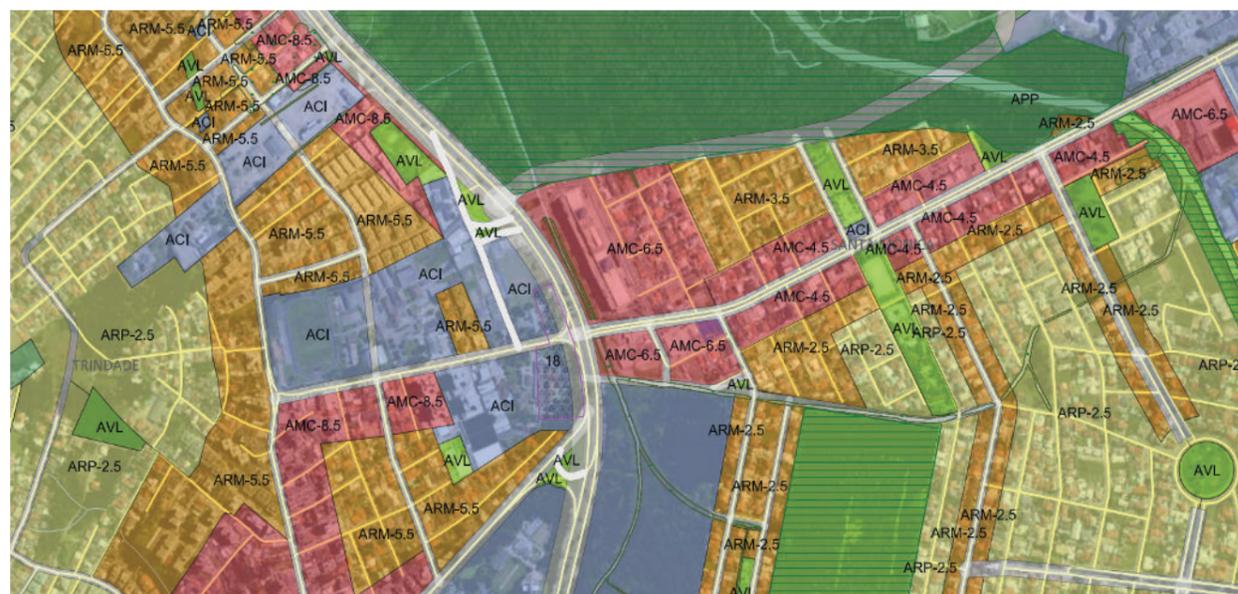
I - APC1 - Áreas de Interesse Histórico-Cultural destinam-se à preservação do patrimônio cultural, abrangendo o arquitetônico, artístico, paisagístico, tecnológico, urbanístico dentre outros, incluindo assentamentos, conjuntos, espaços, edificações, monumentos e objetos;”

Busquei nos documentos relativos ao Plano Diretor e principalmente no Projeto Renovar, do SEPHAN, mais informações sobre a Gruta, porém apenas encontrei uma tabela que a classificava no âmbito municipal de Preservação Patrimonial. No Projeto ainda há a descrição do que possivelmente ocorre em termos de administração pública, na qual a instituição se responsabiliza pelos cuidados do bem tombado em troca de isenção do IPTU. Apesar disso, a diretora da Casa da Divina

Providência afirmou que o terreno não era público, e sim da instituição.

Ainda sobre o Plano Diretor de 2014, a área na qual o terreno localiza-se é bastante confusa. Apesar da Gruta ter tombamento municipal e ser

classificada como de preservação cultural, ela está dentro dos planos de expansão da Avenida Henrique da Silva Fontes. A parte Oeste do terreno de ACI é ocupada por edificações privadas e uma AVL é, na verdade, parte do Clube de Esporte Paula Ramos.



**Mapa 04.** Plano Diretor de 2014. Região que abrange os bairros Trindade e Santa Mônica, na bacia do Rio Itacorubi. Fonte: Prefeitura de Florianópolis.



**Mapa 05.** Plano Diretor de 2014. Terreno de intervenção. Fonte: Prefeitura de Florianópolis.

# DIRETRIZES E CONCEITO

## DIRETRIZES

### ESCALA URBANA

- Valorizar o lote de esquina através da volumetria;
- Tornar a área agradável e convidativa aos pedestres e ciclistas;
- Tornar a Casa uma referência urbana visual na malha de Florianópolis;
- Costurar as entradas das Ruas Profa Maria Flora Pausewang e São Tomás de Aquino;

### ESCALA DO EDIFÍCIO

#### Percepção externa:

- Térreo livre, ocupável e público;
- Valorizar jardim interno como elemento de conexão entre Casas;
- Espaços vegetais que permitam o cultivo de alimentos e humanizem espaços;
- Estabelecer diálogo harmonioso com a Casa da Divina Providência e com entorno;

#### Percepção interna:

- Espaços convidativos de convivência, tanto para moradores quanto para frequentadores;
- Espaços inclusivos e acessíveis;
- Espaços flexíveis, que se adaptem às necessidades dos moradores;
- Espaços integrados, acolhedores e confortáveis;
- Relacionar interior e exterior, tanto a nível público quanto a nível privado;
- Dormitórios integrativos e diversos;
- Projeto confortável em termos acústicos e lumínicos, preferencialmente com iluminação e ventilação naturais;
- Permitir espaços de trabalho e aprendizagem adequados para o uso por parte dos profissionais;
- **Banheiros sem distinção de gênero;**
- Projeto que pense na existência de pais e mães (fraldários, espaços apropriados para circulação, etc);

## CONCEITO

Ao longo de minhas leituras, conversas e vivências, não pude deixar de sentir o imenso e constante contraste sob a qual a população LGBT+ vive. Expressam-se simbolicamente através de elementos coloridos que projetam animosidade, como sua própria bandeira, cores vibrantes, glitter, entre outros. Eventos que promovem a diversidade são conhecidos por serem um espaço de acolhimento e diversão. Em contrapartida, as notícias e dados constantemente relatam uma realidade cruel. Suicídio, assassinato, violência, rejeição, desemprego, preconceito.

Assim, quis expressar através da arquitetura esta situação. Não apenas isso, mas também fazer desta Casa de Acolhimento um marco na malha florianopolitana, alinhando o discurso de Capital Gayfriendly, destino turístico gay, entre outros.

Trabalhei o pavilhão frontal à rua enquanto as dificuldades, preconceitos, questões psicológicas pesadas, difíceis e duras. Atrás deste, ergue-se o volume que abarca acolhimento e dormitórios. Leve, aberto, transparente, para por cima do primeiro, pois é o que exaltamos, quem somos e quem temos orgulho de ser. Para chegar até

ele, há diversos caminhos, cada qual com sua perspectiva. A Casa não nega fé(s). Esse diálogo que por vezes pode ser marcado por contradições, por impactos, por acirramento. Afinal, há N caminhos para se chegar no mesmo local.

É possível apreender esta experiência em sua totalidade, percebendo o todo complexo que se estrutura. Em volta dele há espaço público, há vida, porque vivendo-se ou não os preconceitos relacionados à sua expressão e orientação sexual, gênero perpassa a todos nós, em todo momento.

O edifício traz então dentro de seu programa sua apropriação pública e também a possibilidade de pontos de vistas distintos e de diversidade de usos.



Imagem 61. Croqui conceitual. Fonte: acervo pessoal.



A vertical bar on the left side of the page, composed of seven colored stripes: purple, blue, green, yellow, orange, and red.

# PARTE 3

## projeto

# IMPLANTAÇÃO



Imagem 62. Terreno de intervenção com topografia. Fonte: Google Maps.



Imagem 63. Terreno de intervenção com zonas e fluxos. Sem escala. Fonte: Google Maps.

Agregando os dois lotes de esquina ao terreno de ACI, a implantação leva em conta as diretrizes de escala urbana previamente citadas. O fluxo em branco contínuo refere-se à costura entre Av. Prof. Henrique da Silva Fontes e o miolo do lote. Em pontilhado, a conexão entre Rua Maria Flora Pausewang em direção ao térreo público do edifício.

Para configurar estes espaços, posicionei duas volumetrias principais, dispostas de maneira a configurar centro e caminhos acolhedores.

Na região fronteira com a Rua Maria Flora Pausewang, localizam-se as atividades de maior fluxo de pessoas. Já a região do centro do lote traz atividades mais intimistas. Neste espaço também se dá a relação entre Casas, disposta de maneira a vencer os 2 metros de diferença entre rua e terreno. Foram retirados duas pequenas edificações subutilizadas pela Casa da Divina Providência para criar este diálogo entre Casas e rua.

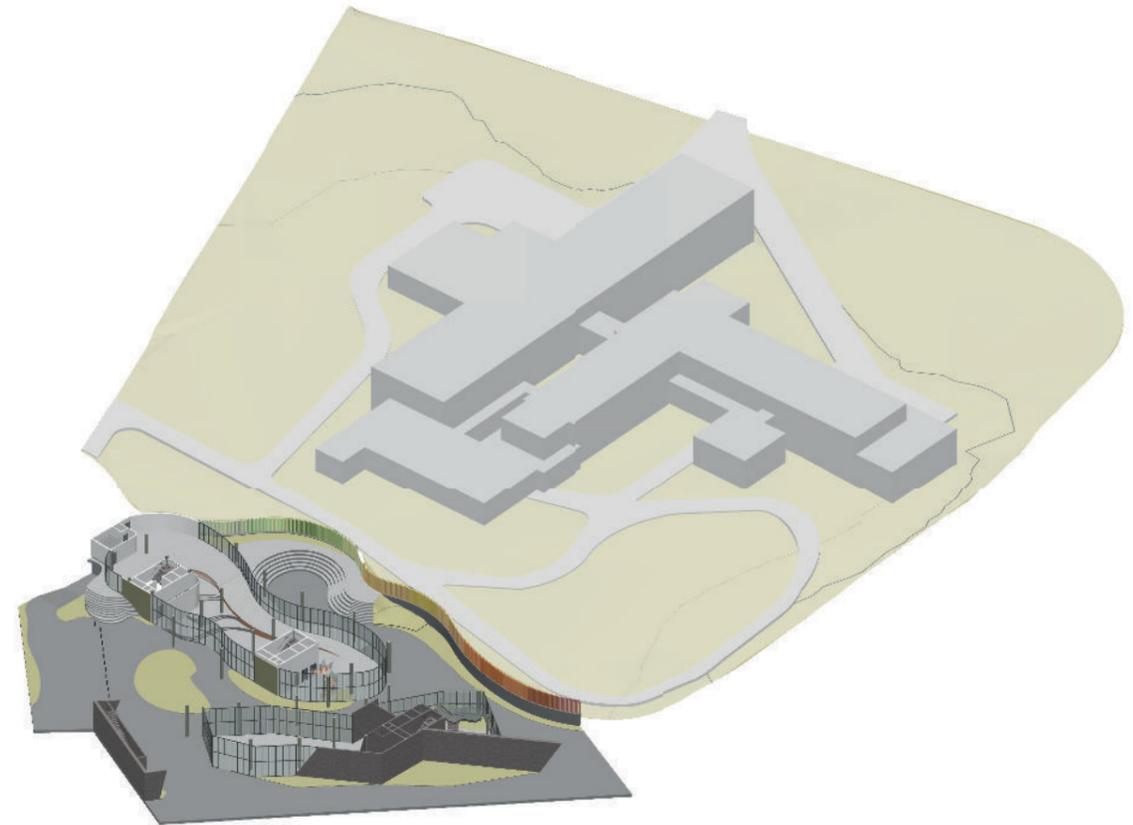
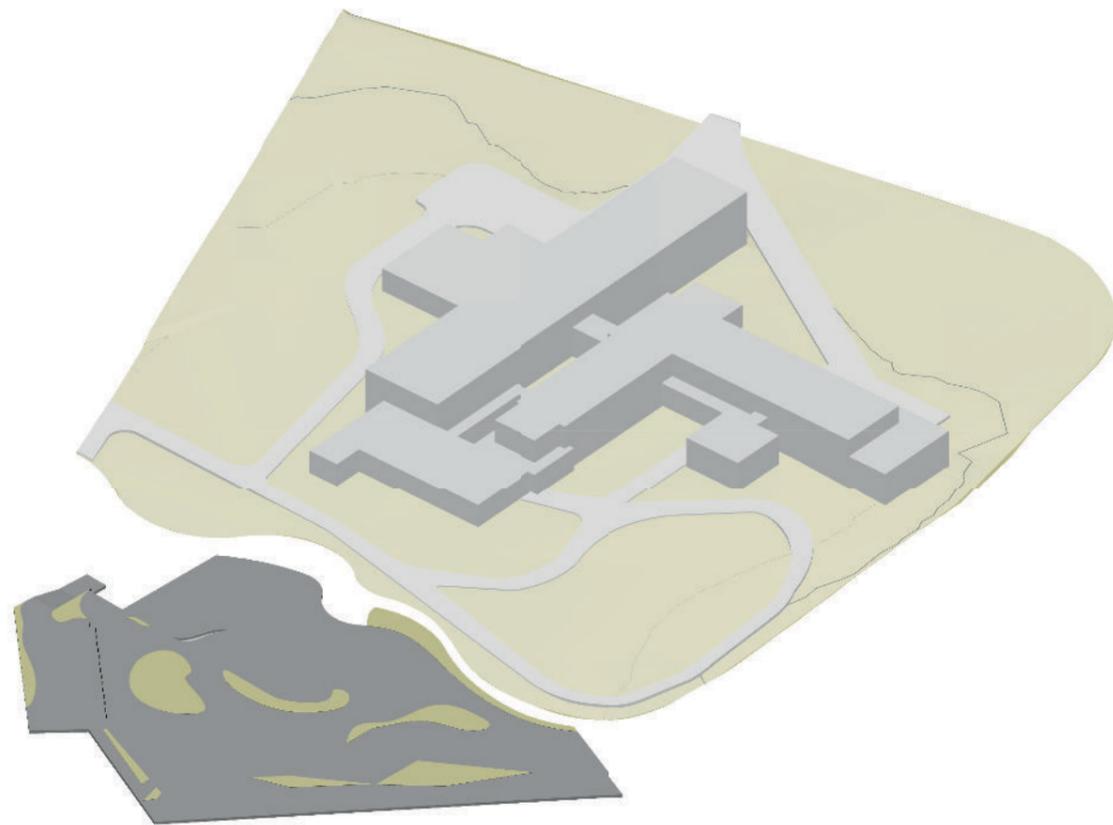


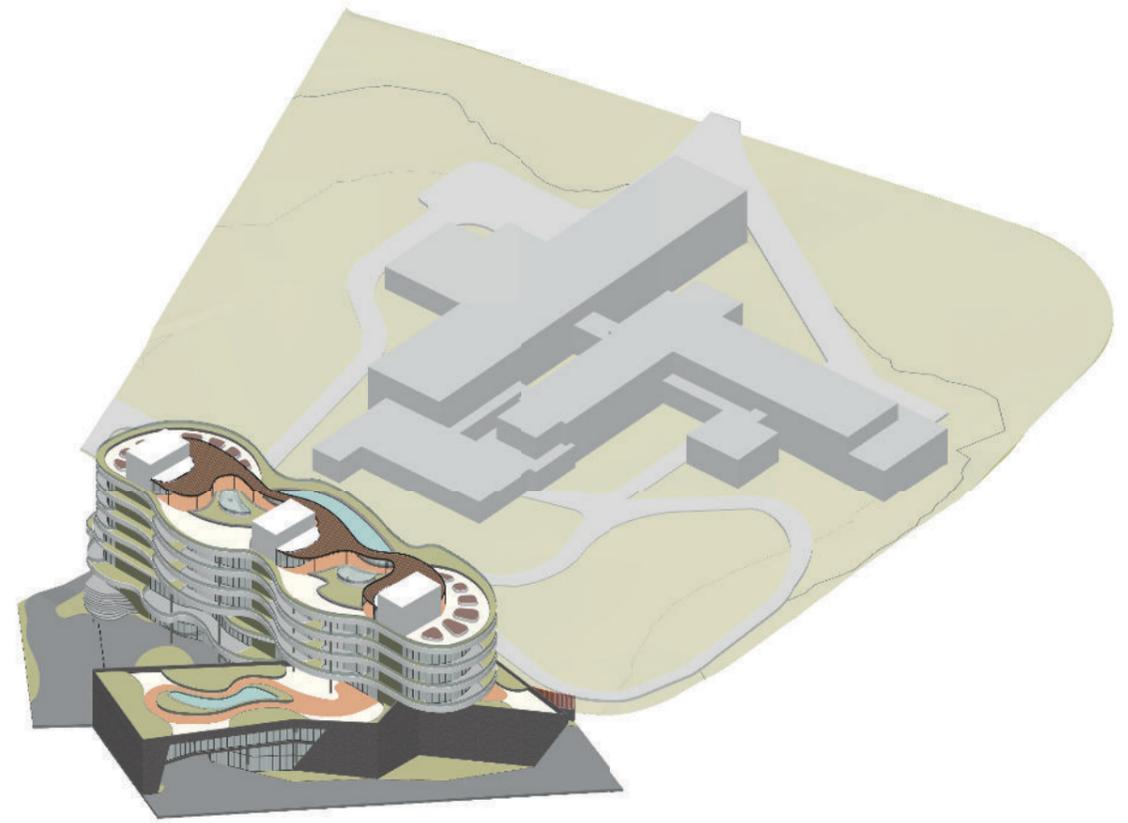
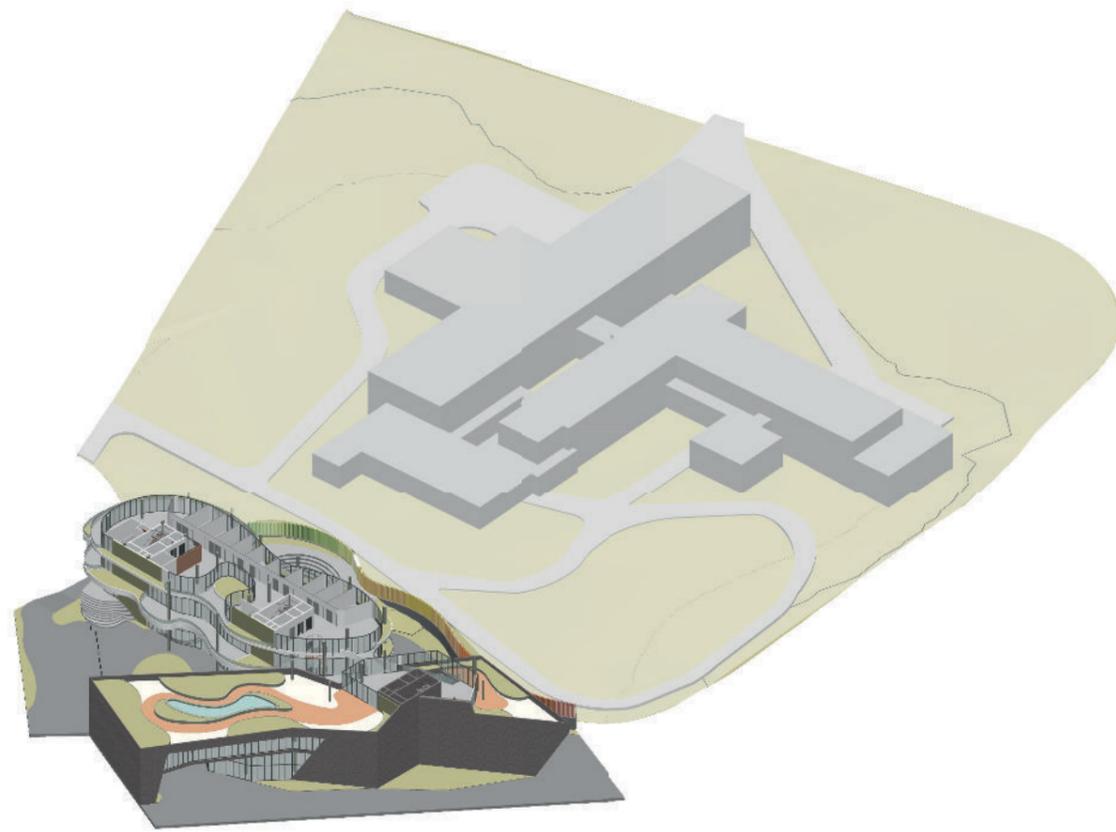
Imagem 64. Planta esquemática de implantação final. Sem escala. Fonte: Google Maps.



Imagem 51 e 58. Edícula e depósito, respectivamente, localizados na divisa entre terrenos da Casa da Divina Providência.

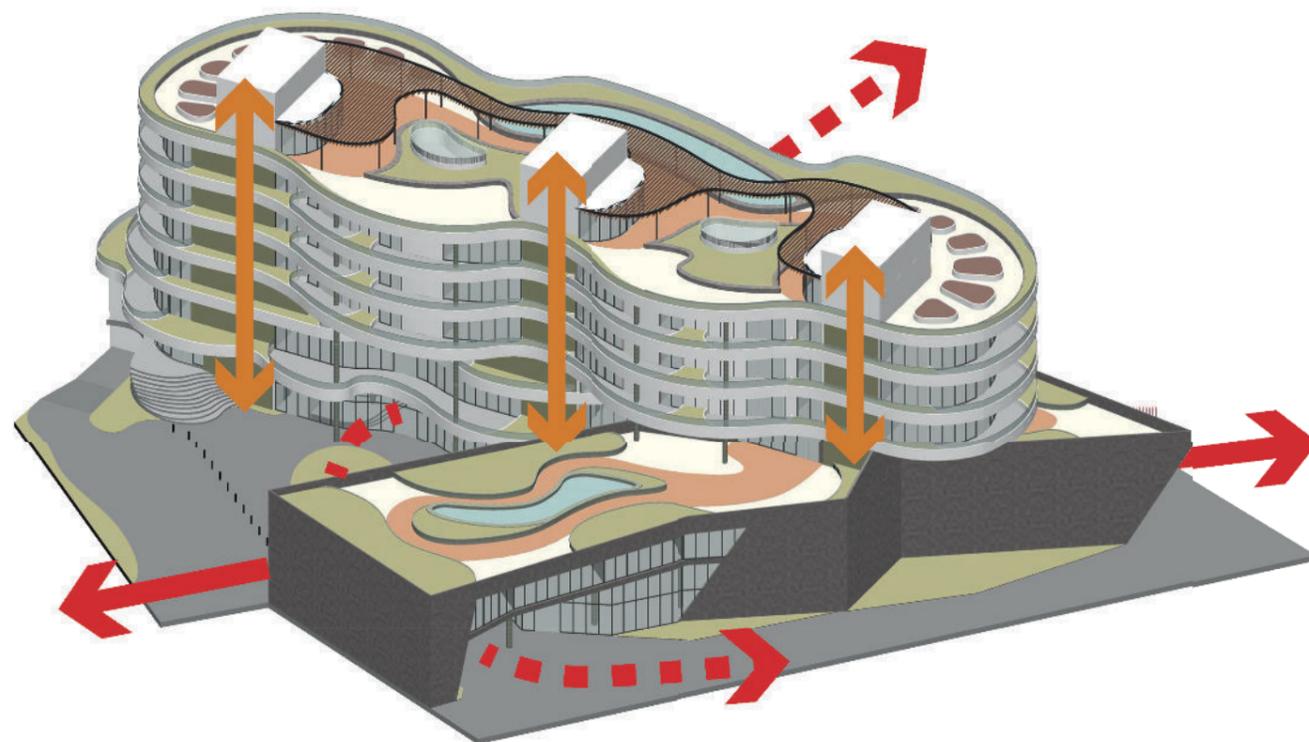
# VOLUMETRIA





# TECTÔNICA

## SETORIZAÇÃO E FLUXOS



Esquema 01. Isométrica esquemática de fluxos. Em vermelho, fluxo térreo direto ou interno (pontilhado). Em laranja, fluxos verticais.

recepção  
lojas  
café  
terraço  
ateliês multius



área social  
coworking  
acolhimento  
administração  
café



habitações  
cobertura



### Caixas d'água

Acima de cada torre de circulação, a divisão das caixas d'água facilita distribuição e manutenção.

### Pilares

Posicionados de forma a auxiliar a conformação da volumetria superior. Internamente localizam-se próximo aos rasgos e projetam-se externamente nas sacadas, permitindo maior flexibilidade construtiva interior através da planta livre.

### Shafts

Facilitam a passagem e manutenção de instalações hidrossanitárias.

### Impermeabilização

A solução construtiva constitui-se a partir da laje com camadas de impermeabilização com manta asfáltica, membrana antirraiz, proteção mecânica, drenagem, filtro, substrato (terra) e finalmente, vegetação. Tipo similar ocorre nos espelhos d'água.

### Acolhimento e Administração

Transição entre espaços semipúblicos e habitações, o pavimento possui consultórios para atendimento psicológico e de assistência social.

### Parede Verde

Estruturada através de grelha instalada na parede, a vegetação de meia-sombra cresce a partir do substrato das varandas verdes.

### Espelhos d'água

Humanizam e trazem ludicidade às áreas abertas semipública e privada do projeto.

### Coworking

Auxilia na manutenção da Casa. Preços módicos à externos e gratuidade à moradores e funcionários.

### Ateliês

Ateliês versáteis para moradores e público externo.

### Térreo Público

Com cafés, lojas e grandes ambientes de ocupação livre e espontânea internos e externos, como vão livre e área de convivência central, o térreo da edificação é um espaço de integração essencial com a cidade.

### Acesso exclusivo

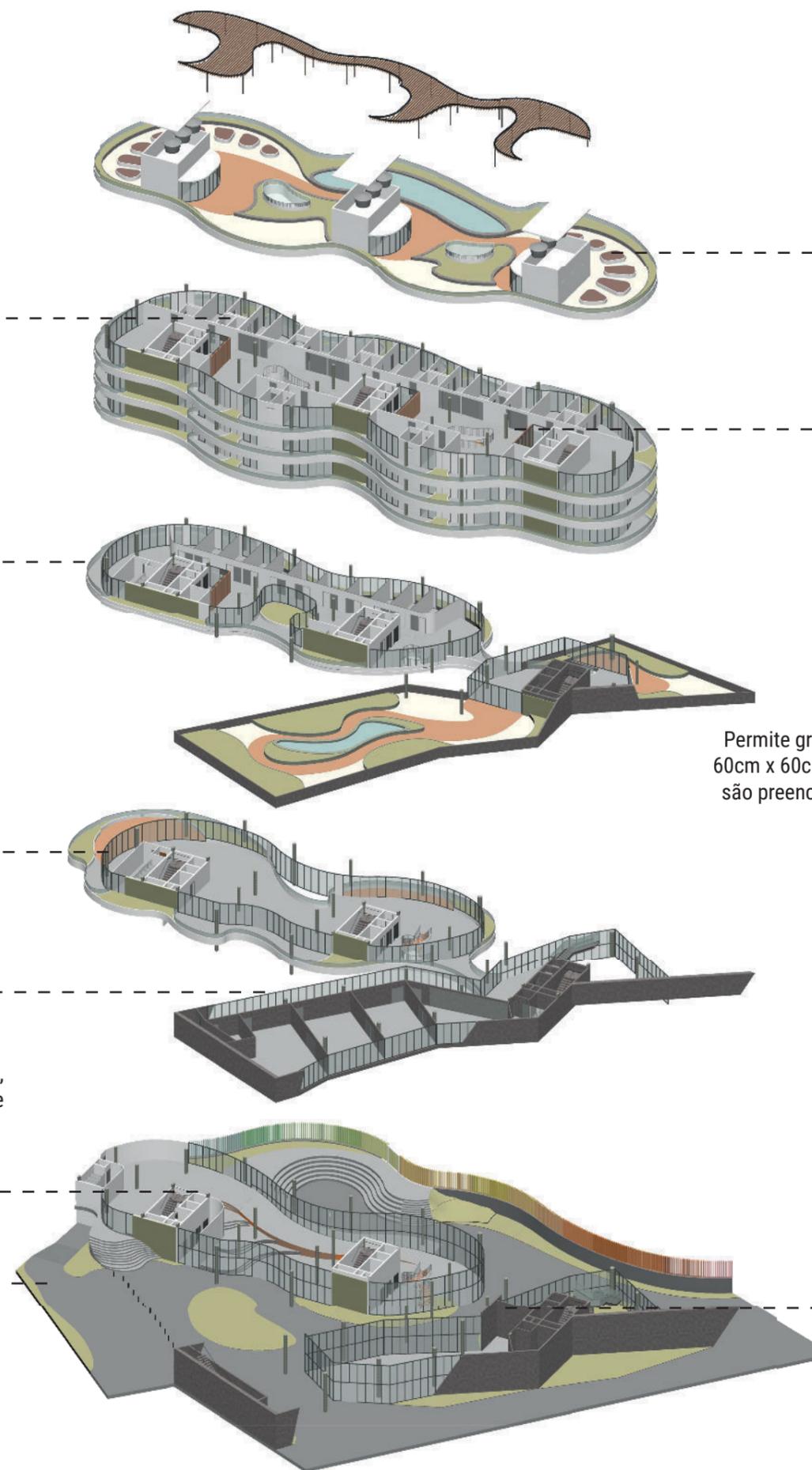
Conectada à partir do subsolo, caixa de circulação vertical exclusiva à moradores e funcionários.

### Acesso de veículos

Unicamente a partir da rua local São Tomás de Aquino. Apenas vagas logística, acessíveis e de idosos à visitantes no térreo. Subsolo exclusivo à moradores e funcionários, priorizando ciclistas.

### Praça interna

Espaço público criado no interior do lote.



### Vegetação

Levada acima do nível do solo, a vegetação tem papel essencial na humanização e conforto térmico do projeto.

### Cobertura

Espaço externo de lazer exclusivo aos moradores e funcionários da ONG.

### Horta

Na cobertura, uma horta particular à Casa, permitindo o descanso do substrato da horta térrea.

### Sacadas Verdes

Grandes espaços de convivência intra-unidades. Protegem as habitações e área de acolhimento da incidência solar intensa.

### Painéis Móveis

Internamente, painéis móveis possibilitam a conectividade de unidades extrovertidas ao espaço comunitário. Veneziana móvel lateral permite a circulação de ar cruzada.

### Drywall

Material leve, maleável, reciclável, de baixo resíduos, rápida instalação e facilitador de reformas. Nos pavimentos habitacionais, o isolamento acústico é realizado através do uso de lã mineral em seu recheio.

### Laje Nervurada

Permite grandes vãos e maior flexibilidade de compartimentação interna. Malha de 60cm x 60cm dentro da qual se dá a distribuição dos pilares. Nas extremas, cubetas são preenchidas com EPS. Forro de gesso acartonado sela as instalações internas. Comporta viga de transição que redistribui cargas.

### Esquadrias

A estética curva da fachada é gerada através da disposição subsequente de estrutura metálica modular. Seu preenchimento é feito com vidro, placa cimentícia, portas ou esquadrias maxim-ar.

### Caixa de Circulação Vertical

Através delas o público geral acessa os espaços semipúblicos da Casa, passando sempre por identificação biométrica no térreo.

### Divisão entre Casas

O muro vazado delimita áreas ainda assim permitindo conectividade visual entre rua e jardim.

### Recepções

Posicionadas de forma a acolher o fluxo de pedestres no miolo do lote.

### Lojas

Com estantes alugáveis, este formato de loja diversifica e torna o comércio mais acessível.

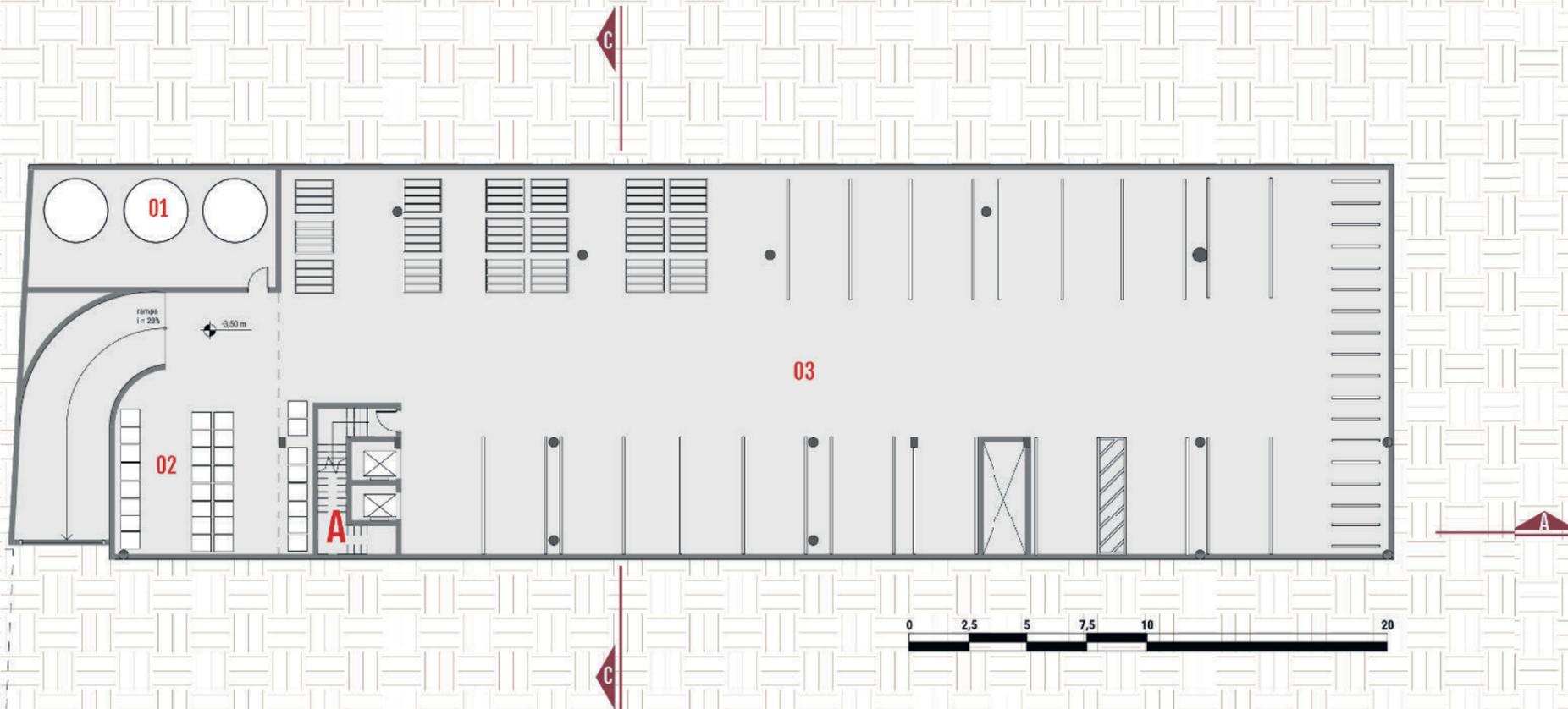
# subsolo

## QUADRO DE ÁREAS

- 01. Reservatório inferior 50 m<sup>2</sup>
- 02. Depósito de Resíduos Sólidos 50 m<sup>2</sup>
- 03. Estacionamento 727 m<sup>2</sup>

TOTAL 947,5 m<sup>2</sup>

O subsolo é acessado por portão automatizado de uso exclusivo de moradores e funcionários. Possui função de abrigar o reservatório inferior de água, bem como depósito de resíduos sólidos. Tendo a premissa de estimular o transporte público e o uso da bicicleta, o bicicletário ganha grande espaço, podendo comportar 210 bicicletas. As demais vagas de estacionamento de veículos (17 carros e 17 motos) são destinadas aos funcionários da ONG.



# térreo

## QUADRO DE ÁREAS

- 01. Acesso à Horta
- 02. Café 143,23 m<sup>2</sup>
- 03. Banheiro Público 21,72m<sup>2</sup>
- 04. Hall de Entrada 22,4 m<sup>2</sup>
- 05. Escadaria Pública
- 06. Espaço Social Multiuso 353 m<sup>2</sup>
- 07. Recepção e Espera 117,1 m<sup>2</sup>
- 08. Recepção e Espera 135,5 m<sup>2</sup>
- 09. Café 63,1 m<sup>2</sup>
- 10. Banheiro Público 26,56 m<sup>2</sup>
- 11. Estacionamento de Visitantes e Carga e Descarga
- 12. Pátio Central
- 13. Lojas 178,5 m<sup>2</sup>
- A B e C. Caixa de Circulação 41,9 m<sup>2</sup>

TOTAL: 1882 m<sup>2</sup>

Para realizar a costura entre as ruas, foi criada uma rua peatonal que atravessa as volumetrias da edificação. Entre os volumes, localizam-se as duas recepções principais, próximas às caixas de circulação vertical. Através delas o público geral acessa os espaços semipúblicos da Casa.

Realizando a conexão entre rua Maria Flora Pausewang e centro do lote, há o vão livre, que poderá ser livremente apropriado para performances artísticas, exposições, reuniões. Também é através do qual lojas, café e banheiros são acessados, gerando animosidade no térreo da edificação.

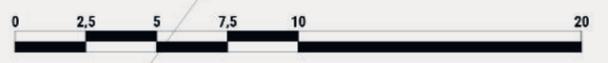
O miolo do lote foi reservado à uma Praça interna que cria espaço urbano convidativo aos pedestres. O acesso de veículos se dá exclusivamente pela rua São Tomás de Aquino. A região limítrofe entre edificações adjacentes foi reservada para fluxos de veículos, carga e descarga e acesso ao estacionamento exclusivo para funcionários da ONG e moradores. A terceira caixa de circulação, à oeste, também fica reservada à este fluxo.

No interior do lote reside uma ampla área de sociabilidade proposta como espaço público ocupável e multiuso, onde poderão ocorrer eventos, festas, desfiles, etc. Outro café propõe ocupação do miolo do lote e volume. A grande rampa, além de vencer a diferença entre níveis em inclinação agradável e acessível, configura-se de forma a ser observada por ambos lados, como uma passarela. À norte, configura-se a escada que, além de arquibancada, leva aos jardins internos da Casa da Divina Providência. O muro delimita o espaço enquanto conecta visualmente jardim e nível térreo entre Casas. Há um segundo acesso de caráter logístico próximo à horta.

CASA DA DIVINA PROVIDÊNCIA



1/250



RUA SÃO TOMÁS DE AQUINO

RUA MARIA FLORA PAUSEWANG

# 1º pavimento

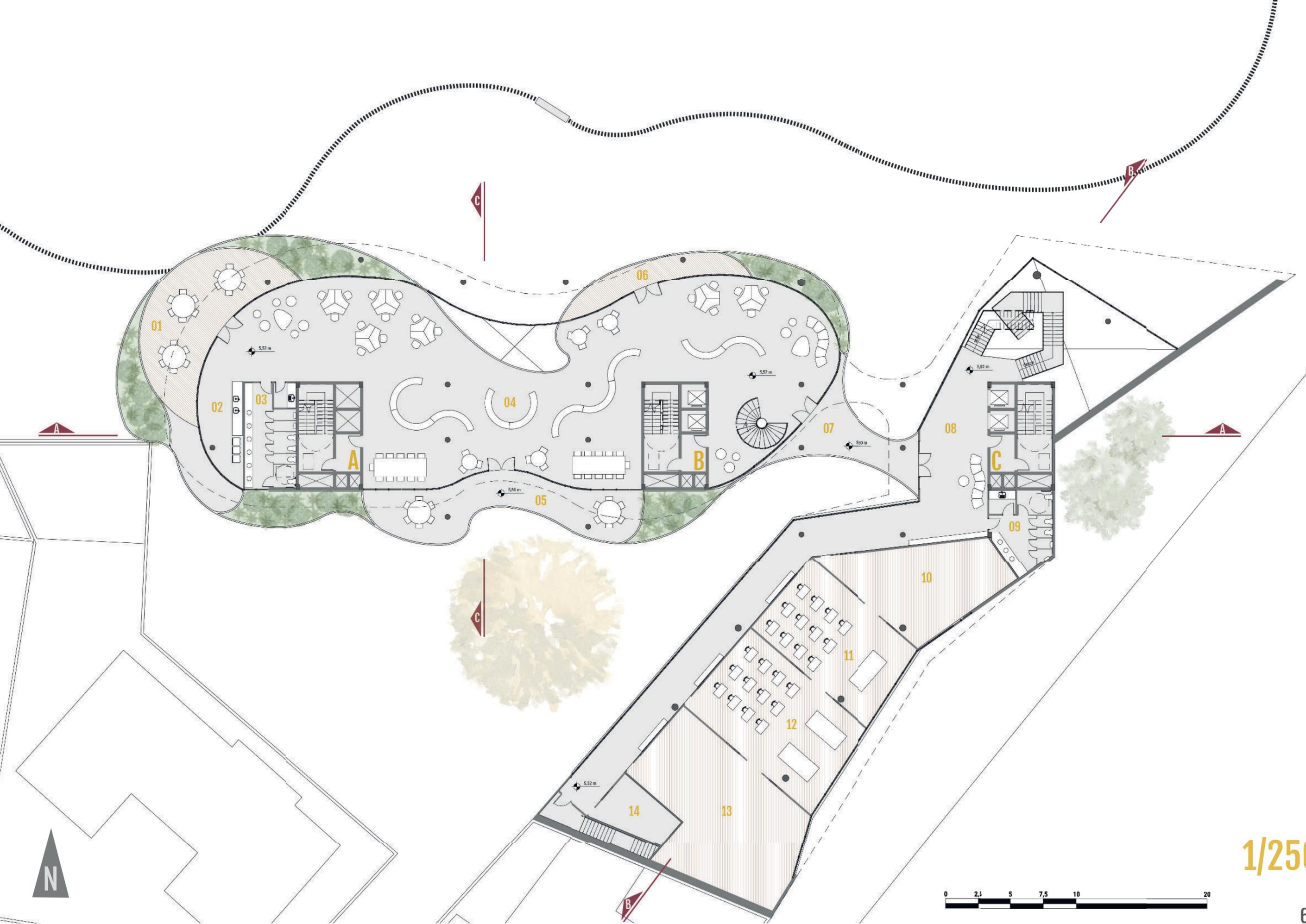
## QUADRO DE ÁREAS

- 01. Área de Convívio Externa
- 02. Cozinha compartilhada 22,8 m<sup>2</sup>
- 03. Banheiro 31,8 m<sup>2</sup>
- 04. Coworking 498,2 m<sup>2</sup>
- 05. Área de Convívio Externa
- 06. Área de Convívio Externa
- 07. Passarela de Conexão
- 08. Espera, Lockers e Circulação Ateliês 163,45 m<sup>2</sup>
- 09. Banheiro Público 26,56 m<sup>2</sup>
- 10. Ateliê Multiuso 71,43 m<sup>2</sup>
- 11. Ateliê Multiuso 78,41 m<sup>2</sup>
- 12. Ateliê Multiuso 94,43 m<sup>2</sup>
- 13. Ateliê Multiuso 117,22 m<sup>2</sup>
- 14. Depósito 18,94 m<sup>2</sup>
- A B e C. Caixa de Circulação 41,9 m<sup>2</sup>

TOTAL: 1954 m<sup>2</sup>

Um pavimento acima, na volumetria adjacente à rua, estão os ateliês multiuso. Costura, dança, desenho, aulas num geral, a possibilidade de usos se estende conforme às necessidades da instituição. Vidros duplos trabalham para amenizar o ruído exterior vindo da Avenida.

Conectados por um prolongamento do bloco interno, está uma grande área de estudos e coworking semi pública. A essência deste espaço traduz-se na carência da cidade em fornecer espaços ocupáveis com infraestrutura para estudo ou trabalho à população. Gratuitos para moradores e à um preço módico à externos, este espaço atrai pessoas externas e auxilia no sustento administrativo da Casa. Sua posição foi pensada de maneira mais intimista e com vista para o jardim interno da Casa da Divina Providência.



1/250

# 2º pavimento

## QUADRO DE ÁREAS

|     |  |
|-----|--|
| 01. | Área de Convívio Externa                       |
| 02. | Apoio Funcionários 59,6 m <sup>2</sup>         |
| 03. | Banheiro Funcionários 22,36 m <sup>2</sup>     |
| 04. | Administração 20,11 m <sup>2</sup>             |
| 05. | Sala de Reuniões 18,16 m <sup>2</sup>          |
| 06. | Sala de Reuniões 17,8 m <sup>2</sup>           |
| 07. | Consultório 14,91 m <sup>2</sup>               |
| 08. | Consultório 12,57 m <sup>2</sup>               |
| 09. | Consultório 13,56 m <sup>2</sup>               |
| 10. | Consultório 12,52 m <sup>2</sup>               |
| 11. | Consultório 14,5 m <sup>2</sup>                |
| 12. | Consultório 14,76 m <sup>2</sup>               |
| 13. | Consultório 15,83 m <sup>2</sup>               |
| 14. | Consultório 19,74 m <sup>2</sup>               |
| 15. | Acolhimento 99,78 m <sup>2</sup>               |
| 16. | Hall Interno 13,3 m <sup>2</sup>               |
| 17. | Depósito 7,8 m <sup>2</sup>                    |
| 18. | Escritório Institucional 173,98 m <sup>2</sup> |
| 19. | Área de Convívio Externa                       |
| 20. | Banheiros 12 m <sup>2</sup>                    |
| 21. | Passarela                                      |
| 22. | Café 132,52 m <sup>2</sup>                     |
| 23. | Terraço 129,6 m <sup>2</sup>                   |
| 24. | Terraço 610,84 m <sup>2</sup>                  |

TOTAL 1882,1 m<sup>2</sup>

No segundo pavimento estão localizados internamente administração e acolhimento. A área administrativa se estabelece mais próxima do interior do lote e da caixa de circulação vertical exclusiva. O acolhimento, com acesso facilitado através das recepções, localiza-se próximo às circulações verticais. No volume frontal à Rua Maria Flora, está um pequeno café que dá acesso ao terraço aberto.



1/250

# habitações

## QUADRO DE ÁREAS

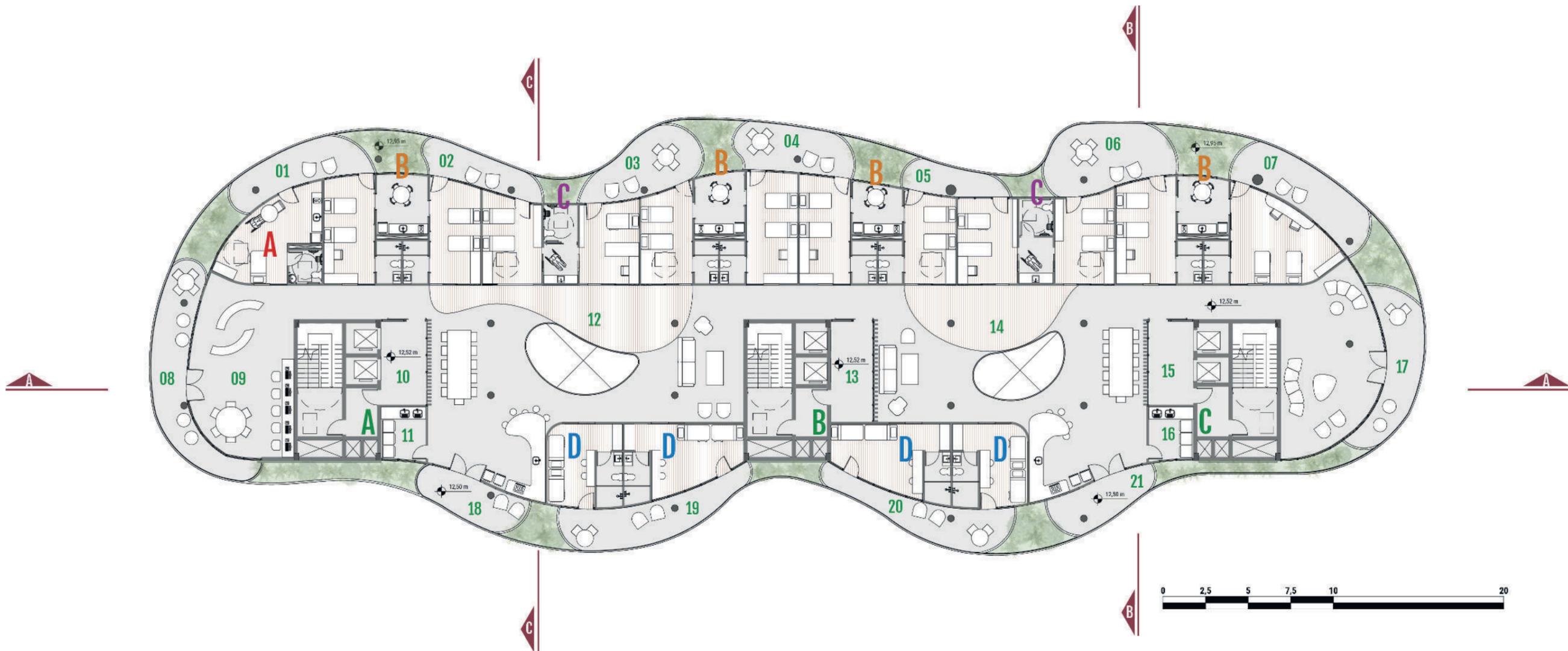
|     |   |                              |
|-----|---|------------------------------|
| 01. | Área de Convívio Externa A-B 18 m <sup>2</sup>        | TIPO A. 26,95 m <sup>2</sup> |
| 02. | Área de Convívio Externa B-C 12,8 m <sup>2</sup>      | TIPO B. 57,7 m <sup>2</sup>  |
| 03. | Área de Convívio Externa C-B 20 m <sup>2</sup>        | TIPO C. 47 m <sup>2</sup>    |
| 04. | Área de Convívio Externa B-B 18 m <sup>2</sup>        | TIPO B. 58,95 m <sup>2</sup> |
| 05. | Área de Convívio Externa B-C 9,3 m <sup>2</sup>       | TIPO B. 54,9 m <sup>2</sup>  |
| 06. | Área de Convívio Externa C-B 26 m <sup>2</sup>        | TIPO C 49 m <sup>2</sup>     |
| 07. | Área de Convívio Externa B 22,4 m <sup>2</sup>        | TIPO B 69,7 m <sup>2</sup>   |
| 08. | Área de Convívio Externa Coletiva 29 m <sup>2</sup>   | TIPO D 21,3 m <sup>2</sup>   |
| 09. | Sala de Estudos 59 m <sup>2</sup>                     | TIPO D 26,5 m <sup>2</sup>   |
| 10. | Hall Interno 13,3 m <sup>2</sup>                      |                              |
| 11. | Lavanderia 8,3 m <sup>2</sup>                         | TOTAL: 1520 m <sup>2</sup>   |
| 12. | Área de Convivência 195 m <sup>2</sup>                |                              |
| 13. | Hall Interno 14,9 m <sup>2</sup>                      |                              |
| 14. | Área de Convivência 232 m <sup>2</sup>                |                              |
| 15. | Hall Interno 13,3 m <sup>2</sup>                      |                              |
| 16. | Lavanderia 8,3 m <sup>2</sup>                         |                              |
| 17. | Área de Convívio Externa Coletiva 21,3 m <sup>2</sup> |                              |
| 18. | Área de Convívio Externa Coletiva 14,3 m <sup>2</sup> |                              |
| 19. | Área de Convívio Externa D-D 24,2 m <sup>2</sup>      |                              |
| 20. | Área de Convívio Externa D-D 21,2 m <sup>2</sup>      |                              |
| 21. | Área de Convívio Externa 13,9 m <sup>2</sup>          |                              |

Sendo tipo, 3º 4º e 5º pavimentos trazem a programática das habitações. Antes de cada caixa de circulação vertical, um pequeno ambiente protege o acesso aos pavimentos. Dentro dos princípios do projeto, um grande enfoque foi dado aos espaço de convivência. Salas de estudo, estar, grandes mesas e cozinhas comunitárias distribuem-se ao longo do que seria um espaço de circulação qualificado. Dois rasgos principais conectam visualmente os pavimentos.

Diversidade de habitantes, diversidade de habitações. Pensadas para atender permanências variadas e níveis de entrosamentos distintos, longa ou média estadia estão posicionadas à norte. Enquanto unidades de média estadia compartilham a cozinha comunitária, as de longa possuem suas próprias. Paredes de drywall acústico permitem conforto, agilidade construtiva e de reforma.

Outra subjetividade conforma-se através do tipo de abertura. Unidades mais extrovertidas que podem conectar-se à área comunitárias através de portas-painéis e de mesma configuração interna, outras com portas simples. Ao sul, curta estadia com 4 pessoas por unidade, mais relacionadas com as áreas comunitárias que lhes dão apoio.

Grandes sacadas unem todos estes ambientes, ao mesmo tempo que protegem a edificação em termos bioclimáticos. As habitações que possuem divisão de cozinha, compartilham com seu outro vizinho adjacente o espaço externo, gerando uma multiplicidade de relações inter-unidades.



1/250

# cobertura

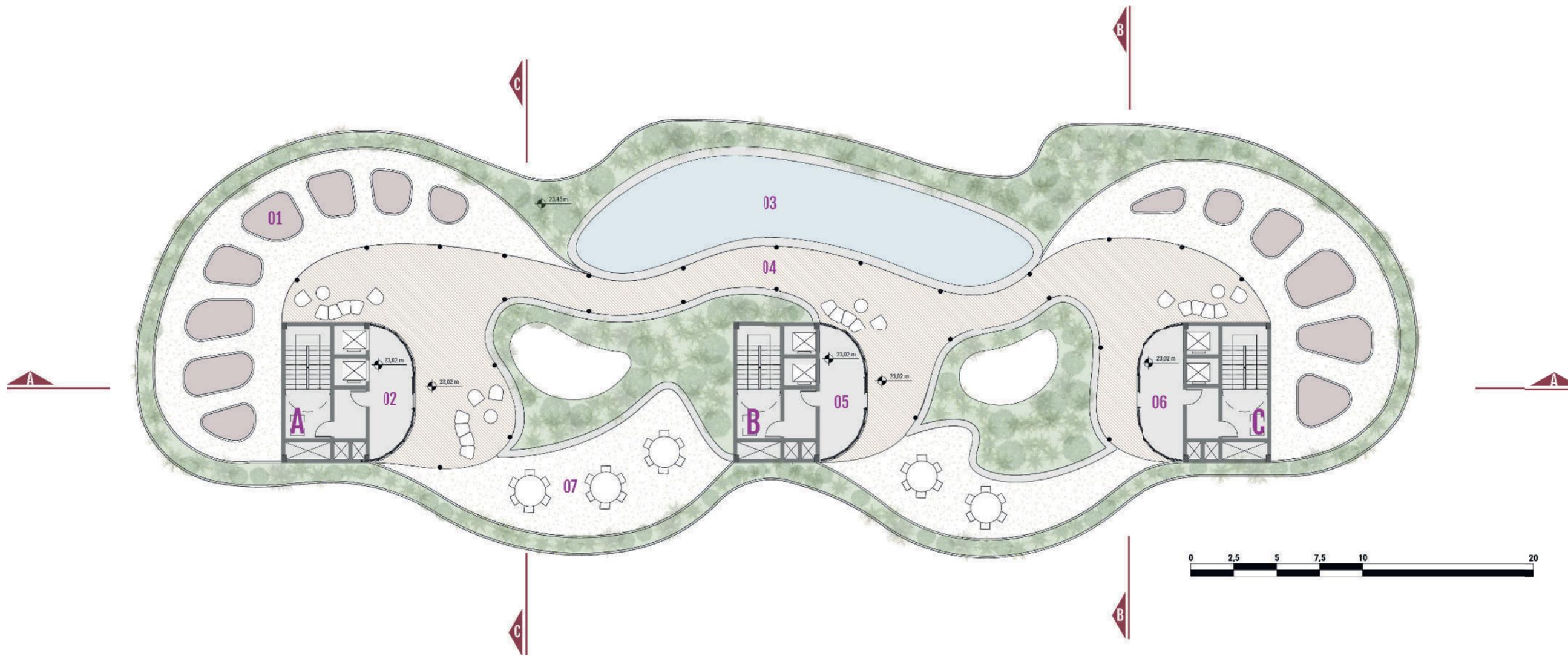
## QUADRO DE ÁREAS

- 01. Hortas 330 m<sup>2</sup>
- 02. Hall Interno 18 m<sup>2</sup>
- 03. Espelho d'água 142 m<sup>2</sup>
- 04. Deck Coberto 333,5 m<sup>2</sup>
- 05. Hall Interno 18 m<sup>2</sup>
- 06. Hall Interno 18 m<sup>2</sup>
- 07. Área de lazer 375 m<sup>2</sup>

TOTAL: 1520 m<sup>2</sup>

ÁREA CONSTRUIÍDA TOTAL: 9540 m<sup>2</sup>

Finalizando o volume principal, a cobertura permite apropriação dos moradores para cultivo de alimentos e atividades ao ar livre, sejam elas físicas ou sociais. O espelho d'água integra estes ambientes, trazendo caráter lúdico e humano ao projeto.



1/250

# CORTE A e B



1/250



# CORTE C

---

1/250



# IMAGENS



**Imagem A.** Chegada pela Av. Professor Henrique da Silveira Fontes.  
**Imagem B.** Chegada pela rua São Tomás De Aquino.







- Imagem C.** Vista da Horta.
- Imagem D.** Teatro entre Casas.
- Imagem E.** Chegada a partir da rua Maria Flora Pausawang sentido Santa Mônica.
- Imagem F.** Recepção
- Imagem G.** Café Térreo. Na parede, arte da ONG ADEH.
- Imagem H.** Rua peatonal entre blocos.
- Imagem I.** Vão livre.
- Imagem J.** Lojas.
- Imagem K.** Área social central no térreo.



**Imagem L.** Área Social Térreo com Passarela.  
**Imagem M.** Área administrativa.  
**Imagem N.** Coworking.  
**Imagem O.** Terraço 1º pavimento.  
**Imagem P.** Passarela entre blocos. À esquerda, área de circulação e espera para os ateliês.  
**Imagem Q.** Ateliê de costura.









- Imagem R.** Pergolado da cobertura.  
**Imagem S.** Jardim, teatro e espelho d'água.  
**Imagem T.** Sacada compartilhada entre habitações.  
**Imagem U.** Unidade habitacional acessível de média estadia.  
**Imagem V.** Área social comunitária dos pavimentos tipo.  
**Imagem X.** Cozinha comunitária.

# NOTAS

1. Link: Assassinato de LGBT no Brasil Relatório 2015. <https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/>
2. Transgender Europe <http://tgeu.org/>
3. Notícias Terra. Bolsonaro: "Prefiro filho morto em acidente a um homossexual". <https://noticias.terra.com.br/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>
4. Vídeo "Bolsonaro: Ter filho gay é falta de porrada!" <https://www.youtube.com/watch?v=QJNy08VoLZs>
5. Revista Fórum. "Não estupro você porque não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário. <http://www.revistaforum.com.br/2014/12/09/nao-estupro-voce-porque-nao-merece-diz-bolsonaro-maria-rosario/>
6. Site do Movimento Escola Sem Partido <http://www.escolasempartido.org/>
7. Reportagem de André Cabette Fábio <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/17/Assassinatos-de-pessoas-trans-a-posi%C3%A7%C3%A3o-do-Brasil-num-ranking-prec%C3%A1rio-mas-simb%C3%B3lico>
8. Reportagem de Marieta Cazarré <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>
9. Redação Pragmatismo. O Brasil é o país que mais mata transexuais e o que mais assiste pornô trans <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/02/o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-e-o-que-mais-assiste-porno-trans.html>
10. Reportagem de Marieta Cazarré <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>
11. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) <http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeducador/2015/DSM%20V.pdf>
12. <http://www.apa.org/>
13. Classificação Internacional de Doenças CID 10 <http://www.medicinanet.com.br/cid10.htm>
14. História do DSM <https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm/history-of-the-dsm>
15. Artigo de Helena Vieira <http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/05/31/feminismo-e-questao-da-transexualidade-porque-devem-estar-juntas/>
16. PL 8032/2014 <http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=623761>
17. Decreto nº 8727 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm)
18. Argentina avança e aprova lei sobre identidade de gênero <http://www.vermelho.org.br/noticia/182893-1>
19. Resolução CFM 1482/97 [http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm)
20. Homossexualidade não é doença! <http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/983>

21. Lei nº7961/2009 <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2009/797/7961/lei-ordinaria-n-7961-2009-dispoe-sobre-a-promocao-e-o-reconhecimento-da-liberdade-de-orientacao-pratica-manifestacao-identidade-preferencia-sexual-e-da-outras-providencias>
22. Florianópolis: a mais querida entre os turistas gays, de Roberta Kremer <http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/04/florianopolis-a-mais-querida-entre-os-turistas-gays-3724273.html>
23. Florianópolis é melhor destino LGBT do Brasil, segundo Santur, de Luíza Fregapani. <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/verao/2014/noticia/2013/12/florianopolis-e-melhor-destino-lgbt-do-brasil-segundo-santur.html>
24. Florianópolis GLS, a cena gay do sul do Brasil, de Alex Bernardes <http://revistaviag.com.br/florianopolis-gls-a-cena-gay-do-sul-do-brasil/>
25. Blog Interferências Transmutante <https://interferenciaintransmutante.wordpress.com/2014/10/09/sobre-passabilidade-cis/>
26. Artigo 196 da Constituição Federal de 1988 [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)
27. New York Trans Guide: <http://nytransguide.wikidot.com/housing-and-shelter>
28. True Colors Residence. <http://www.edelmansultan.com/projects/housing/supportive-housing/true-colors-residence/>
29. Benfeitoria da Casa 1 <https://benfeitoria.com/casa1>

# REFERÊNCIAS

AGREST, Diana I. **À Margem da Arquitetura: corpo, lógica e sexo**. Livro Uma Agenda para a Arquitetura de Kate Nesbitt (org.). 2a Edição. 664 p. Coleção Face Norte, Cosac Naify, 2008.

**Anita May Rosestein Center**. Leong Leong. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.leong-leong.com/anita-may-rosenstein-center/>>

**Argentina avança e aprova lei sobre identidade de gênero**. Portal Vermelho. Publicado em 10 de maio de 2012. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/182893-1>>

ARRAES, Jarid. **Entenda por que o vagão feminino não é solução**. Revista Forum. Publicado em 11 de julho de 2011. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/questao degenero/2014/07/11/entenda-por-que-o-vagao-feminino-nao-e-solucao/>>

**Assassinato de LGBT no Brasil: Relatório 2015**. Grupo Gay da Bahia. 28 de dezembro de 2016. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.com.br/2016/01/28/assassinato-de-lgbt-no-brasil-relatorio-2015/>>

ÁVILA, Lirous K'yo Fonseca. **Travestilidade e Transexualidade: O que o Serviço Social tem a ver com isso?** Monografia de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis, Dezembro de 2017.

BANDELL, Brian. **Developer reveals plans for LGBT-focused senior housing community**. South Florida Business Journal. Publicado em 23 de agosto de 2016. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.bizjournals.com/southflorida/news/2016/08/23/developer-reveals-plans-for-lgbt-focused-senior.html>>

BARRAGAN, Bianca. **First look at the LGBT Center's Stylish New Housing Complex**. Curbed Los Angeles. Publicado em 18 de março de 2016. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://la.curbed.com/2016/3/18/11266062/first-look-at-the-lgbt-centers-stylish-new-housing-complex>>

BENEVENTO, Claudia Toffano; SANTANA, Vagner Caminhas. **O conceito de gênero e suas representações sociais**. Revista Digital EFDportes. Buenos Aires, Ano 17, nº 176, Publicado em janeiro de 2013. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>>

BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é Transexualidade**. 2a Edição. São Paulo: Brasiliense, 2008. Coleção Primeiros Passos.

BERNARDES, Alex. **Florianópolis GLS, a cena gay do sul do Brasil**. Revista Via G. Publicado em 15 de dezembro de 2015. Acessado em 23 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://revistaviag.com.br/florianopolis-gls-a-cena-gay-do-sul-do-brasil/>>

**Bolsonaro: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual"**. Terra Notícias. Publicado em 8 de junho de 2011. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>

**Bolsonaro: "Ter filho gay é falta de porrada!"** Vídeo em Youtube. Publicado em 6 de março de 2014 por Pragmatismo. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QJNy08VoLZs>>

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 8a Edição. São Paulo, 2015. Coleção Sujeito e História.

CARLOTO, Cássia Maria. **O Conceito de Gênero e sua Importância para a Análise das Relações Sociais**. Serviço Social em Revista. Volume 3, número 2. Publicado em Janeiro e Junho de 2001. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <[http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c\\_v3n2\\_genero.htm](http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm)>

CAZARRÉ, Marieta. **Com 600 mortes em seis anos, Brasil é o que mais mata travestis e transexuais**. ABC Agência Brasil. Publicado em 13 de novembro de 2015. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/com-600-mortes-em-seis-anos-brasil-e-o-que-mais-mata-travestis-e>>

CAZARRÉ, Marieta. **Preconceito afasta transexuais do ambiente escolar e do mercado de trabalho**. EBC Agência Brasil. Publicado em 13 de novembro de 2015. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-11/preconceito-afasta-transexuais-do-ambiente-escolar-e-do-mercado-de>>

CASTELNUOVO, Natalia. **Atropología, violencia y justicia: repensando matrices de la sociabilidad contemporánea en el campo del género y de la familia**. 1 ed, Buenos Aires: Antropofagia, 2011. Org. RIFIOTIS, Theophilos.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2. morar, cozinhar**. 5a edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 1996.

COCCO, Rodrigo Giral di. **Transporte Público e Mobilidade Urbana: Contradições entre Políticas Públicas e Demandas por Mobilidade na região metropolitana de Florianópolis-SC**. Tese de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Fevereiro de 2016.

DAMIÃO, Carlos. **Gruta da Trindade Completa 100 anos**. Jornal Notícias do Dia Online. Publicado em 20/04/2013. Acessado em 14/03/17. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/carlos-damiao/gruta-da-trindade-completa-100-anos>>

**Decreto nº 8727**. Planalto Brasileiro. Publicado em 28 de abril de 2016. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm)>

DÍAZ, Gabriela Andrea. **Sexualidade(s): concepções de psicólogos/as de unidades básicas de saúde de Florianópolis**. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Florianópolis, 2012.

DIÓGENES, Juliana. **Casa para abrigar LGBTs expulsos pela família é inaugurada após 'vaquinha'**. Estadão São Paulo. Publicado em 27 de janeiro de 2017. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,apos-vaquinha-casa-para-abrigar-lgbts-expulsos-pela-familia-e-inaugurada,70001640471>>

**Economia Solidária**. Associação Pelos Direitos Humanos com Enfoque na Transexualidade. Acessado em 14/03/17. Disponível em: <<http://siteadeh.wixsite.com/adeh/economia-solidaria>>

**Eu, trans: Quero te mostrar quem sou**. EBC Agência Brasil. Todo o conteúdo deste site está publicado sob a Licença Creative Commons Atribuição 3.0 Brasil exceto quando especificado em contrário. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/trans>>

FÁBIO, André Cabette. **Assassinatos de pessoas trans: a posição do Brasil num ranking precário, mas simbólico.** Nexo Jornal. Publicado em 17 de novembro de 2016. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/17/Assassinatos-de-pessoas-trans-a-posi%C3%A7%C3%A3o-do-Brasil-num-ranking-prec%C3%A1rio-mas-simb%C3%B3lico>>

FÁBIO, André Cabette. **Congresso barrou discussão sobre sexualidade nas escolas. Como isso afeta os alunos LGBT.** Publicado em 23 de novembro de 2016. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/23/Congresso-barrou-discuss%C3%A3o-sobre-sexualidade-nas-escolas.-Como-isso-afeta-os-alunos-LGBT>>

FÁBIO, André Cabette. **Um julgamento sobre o reconhecimento da identidade de transexuais.** Nexo Jornal. Publicado em 16 de outubro de 2016. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/16/Um-julgamento-sobre-o-reconhecimento-da-identidade-de-transexuais>>

FREGAPANI, Luíza. **Florianópolis é melhor destino LGBT do Brasil, segundo Santur.** G1. Publicado em 26 de dezembro de 2013. Acessado em 23 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/verao/2014/noticia/2013/12/florianopolis-e-melhor-destino-lgbt-do-brasil-segundo-santur.html>>

**History of the DSM.** American Psychiatric Association. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.psychiatry.org/psychiatrists/practice/dsm/history-of-the-dsm>>

**Homossexualidade não é doença!** Conselho Federal de Serviço Social. Publicado em 21 de junho de 2013. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/983>>

**Housing and Shelter.** New York Trans Guide em Wikidot. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://nytransguide.wikidot.com/housing-and-shelter>>

KREMER, Roberta. **Florianópolis: a mais querida entre os turistas gays.** Diário Catarinense. Publicado em 11 de abril de 2012. Acessado em 23 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2012/04/florianopolis-a-mais-querida-entre-os-turistas-gays-3724273.html>>

LI, Katherine Jinyi. **Brazil's first co-op shelter for LGBT runaways opens its doors in São Paulo.** Plus 55. Brazil Culture. Publicado em 26 de janeiro de 2017. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://plus55.com/brazil-culture/news/2017/01/shelter-lgbt-runaways>>

**Los Angeles LGBT Center.** Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://lalgbtcenter.org/>>

LÜCHMANN, Lígia Helena Hahn; RODRIGUES, Jefferson. **O Movimento Antimanicomial no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2007.

PACHECO, Antonio. **KFA and Leong Leong-designed LGBT center approved by Los Angeles City Planning Commission.** The Architects Newspaper. Publicado em 01 de dezembro de 2017. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<https://archpaper.com/2016/12/kfa-leong-leong-anita-may-rosenstein-campus/>>

**Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais VDSM-5.** Editora Artmed. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://c026204.cdn.sapo.io/1/c026204/cld-file/1426522730/6d77c9965e17b15/b37dfc58aad8cd477904b9bb2ba8a75b/obaudoeeducador/2015/DSM%20V.pdf>>

MATUOKA, Ingrid. **Casa 1: por que LGBTs precisam de uma república de acolhimento?** Carta Capital. Publicado em 15 de novembro de 2016. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/casa-1-por-que-lgbts-precisam-de-uma-republica-de-acolhimento>>

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **A Cidade Próxima.** Arquitetura e Política: Ensaios para mundos alternativos. Editoria Gustavo Gilli, 2014.

MOSCHKOVICH, Marília. **O vagão para mulheres só anda para trás: Segregar transporte público é sugerir, como outrora, que mulheres são culpadas pela própria sexualidade – e pela dos homens.** Carta Capital. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/outras-palavras/o-vagao-para-mulheres-so-anda-para-tras-1088.html>>

NUNES, Brunella. **Conheça a Casa Nem, um exemplo de amor, acolhimento e apoio a transexuais, travestis e transgêneros no RJ.** Hypeness. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/08/casa-nem-e-um-exemplo-de-amor-acolhimento-e-apoio-a-transexuais-travestis-e-transgeneros-no-rj/>>

**NBR 9050:2015.** Norma Brasileira: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Terceira Edição. Associação Brasileira de Normas Técnicas.

**NBR 9077:2001.** Norma Brasileira: Saídas de Emergência em edifícios. Associação Brasileira de Normas Técnicas.

**“Não estupro você porque não merece”, diz Bolsonaro a Maria do Rosário.** Revista Forum. Publicado em 9 de dezembro de 2014. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/2014/12/09/nao-estupro-voce-porque-nao-merece-diz-bolsonaro-maria-rosario/>>

**Normas de Segurança contra Incêndios.** Edição de 2014. Estado de Santa Catarina. Secretaria do Estado de Segurança Pública. Corpo de Bombeiros Militar. Diretoria de Atividades Técnicas - DAT.

**O Brasil é o país que mais mata transexuais e o que mais assiste pornô trans.** Pragmatismo Político. Publicado em 24 de fevereiro de 2016. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/02/o-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-transexuais-e-o-que-mais-assiste-porno-trans.html>>

PINTO, Walter. **No mundo do trabalho, travestis e transexuais permanecem excluídas.** CUT Central Única dos Trabalhadores. Publicado em 02 de junho de 2015. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.cut.org.br/noticias/travestis-e-transexuais-permanecem-excluidas-do-mundo-do-trabalho-c7fe/>>

**Plano Diretor de 2014.** Prefeitura de Florianópolis. Acessado em 14/03/17. Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/sites/planodiretor/>>

**Projeto de Lei 8032/2014.** Câmara dos Deputados. Publicado em 28 de outubro de 2014. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=623761>>

**Resolução CFM nº 1482/97.** Portal Médico. Publicada em 19 de setembro de 1997. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <[http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482\\_1997.htm](http://www.portalmedico.org.br/resolucoes/CFM/1997/1482_1997.htm)>

SANTOS, Cristina Camilo dos. **O processo de urbanização da Bacia do Itacorubi: a influência da UFSC.** Florianópolis, 2003. 99 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

SARDINHA, Edson. **Um homossexual foi assassinado a cada 28 horas no Brasil em 2013, diz pesquisa.** Site Congresso em Foco. Publicado em 14 de fevereiro de 2014. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/relatorio-aponta-312-homossexuais-brasileiros-assassinados-em-2013>>

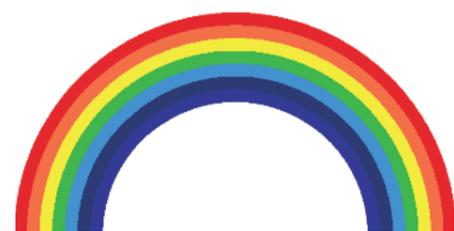
**Sobre Passabilidade Cis.** Interferência Transmutante. Publicado em 9 de outubro de 2014. Acessado em 19 de janeiro de 2017. Disponível em: <<https://interferenciatransmutante.wordpress.com/2014/10/09/sobre-passabilidade-cis/>>

**Sunburst Youth Housing Project.** The Center San Diego LGBT Community. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.thecentersd.org/programs/youth-services/youth-housing-project.html>>

**True Colors Residence.** Edelman Sultan Knox Wood Architects. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://www.edelmansultan.com/projects/housing/supportive-housing/true-colors-residence/>>

**True Colors Residence.** West End Residences. Publicado em 26 de Fevereiro de 2012. Acessado em 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <<http://westendres.org/true-colors-residence-2/>>

VIEIRA, Helena. **Por um feminismo trans: as lutas devem estar juntas.** Revista Forum. Publicado em 31 de maio de 2015. Acessado em 17 de janeiro de 2017. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/osentendidos/2015/05/31/feminismo-e-questao-da-transexualidade-porque-devem-estar-juntas/>>



**obrigada!**

